A CENA muda

N.º 3 ★ 17-1-52

CR$ 3,00 EM
TODO O BRASIL

NESTE NÚMERO

Ilka Soares vai casar
(REPORTAGEM)

ELIANE LAGE não foi julgada
(REPORTAGEM)

O barco das ilusões
(CINE-CAPÍTULO)

As 8 vítimas
(CINE-CAPÍTULO)

PROBLEMAS HUMANOS
(PSICANÁLISE)

Cinema brasileiro

Meio século de luz e sombra
(REPORTAGEM)

Carnaval

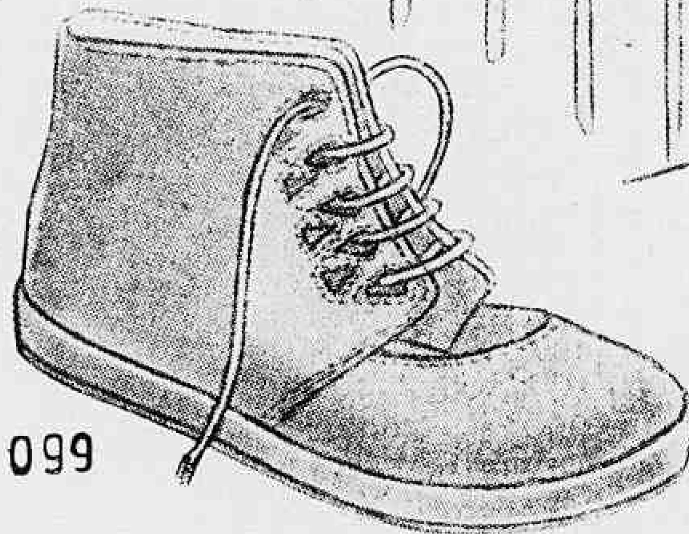
E MUITAS SEÇÕES

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

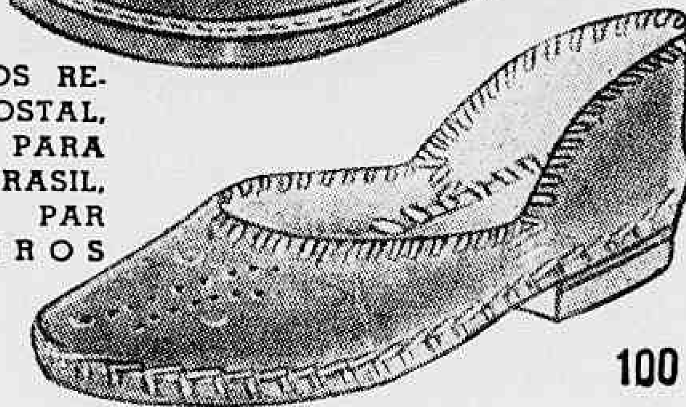


Sapatos que seus filhos adoram!





NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL, REMETEMOS PARA TODO O BRASIL, PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS



098 — Cr$ 98,00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27

099 — Cr$ 75.00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46·48 - SETE de SETEMBRO, 199·201

OS MELHORES DE 51

O ano findo não foi lá dos piores. Verdade, muitos abacaxis foram jogados na tela sem a menor cerimônia. Notou-se certa melhoria na produção americana, que foi pródiga em apresentar muitas películas de valor. O cinema europeu continuou enviando boas fitas. A Argentina continuou melhorando sua técnica sem se preocupar com o padrão artístico, enquanto o México continua tendo apenas as fitas de Fernandez-Figueróa. No cinema nacional houve um acréscimo de quantidade — e um decréscimo de qualidade.

De cêrca de quatrocentas fitas exibidas, estas foram as que escolhemos como as melhores. Sem compromisso.

ESTRANGEIRO

FILMES

1º "O Direito de Matar" (Francês)
"Mulheres sem Nome" (Húngaro)
"O Preço de Uma Vida" (Inglês)
"Teresa" (Americano)
"Deus Necessita de Homens" (Francês)
2º "Crepúsculo dos Deuses" (Americano)
"Eterna Ilusão" (Francês)
"Conflitos de Amor" (Francês)
3º "Três Segredos" (Americano)
"Com as Horas Contadas" (Americano)
"A Malvada" (Americano)
4º "Pânico nas Ruas" (Americano)
5º "O Segrêdo de Estado" (Inglês)
6º "Pecado sem Mácula" (Americano)
"Senhor 880" (Americano)
7º "Céu Sôbre o Pântano" (Italiano)
8º "Só Resta a Lembrança" (Americano)
"Agonia de Amor" (Americano)
"O Ódio é Cego" (Americano)
9º "Arroz Amargo" (Italiano)
"A Dominadora" (Americano)
"Harvey" (Americano)
10º "Um Preço para Cada Crime" (Americano)
"O Amanhã que Não Virá" (Americano)

MELHOR ATOR: Pierre Fresnay ("Deus Necessita de Homens")

MELHOR ATRIZ: Bette Davis ("A Malvada")

MELHOR DIRETOR: Elia Kazan ("Pânico nas Ruas")

MELHOR FOTÓGRAFO: Ernest Lazslo ("O Terceiro Homem")

MELHOR PARTITURA: Dias Conde "A Malquerida")

MELHOR ARGUMENTO: Gina Kaus ("Três Segredos")

MELHOR DECOR: Jean D'Eaubonne ("Conflitos de Amor")

MELHOR ADAPTAÇÃO: Martin Rachin ("Três Segredos")

MELHOR DESENHO ANIMADO: 'Señor Drup" (Fred Quimbly)

NACIONAIS

FILMES

1º "O Comprador de Fazendas"
2º "Presença de Anita"
3º "Terra é Sempre Terra"

DIRETORES

1º Alberto Pieralisi ("O Comprador de Fazendas")
2º Watson Macedo ("Aviso aos Navegantes")
3º Paulo Wanderley ("Maria da Praia")

ATORES

1º Procópio Ferreira ("O Comprador de Fazendas")
2º Abílio Pereira de Almeida ("Terra é Sempre Terra")
3º José Lewgoy ("Aí Vem o Barão")
Anselmo Duarte ("Maior Que o Ódio")

ATRIZES

1º Marisa Prado ("Terra é Sempre Terra")
2º Antonietta Morineau ("Presença de Anita")
Fada Santoro ("Milagre de Amor")
3º Iracema de Brito ("Hóspede de Uma Noite")

FOTÓGRAFOS

1º Aldo Tonti ("O Comprador de Fazendas")
2º Chick Fowle ("Terra é Sempre Terra")
3º Ugo Lombardi ("Hóspede de Uma Noite")
Mário Pagés ("Presença de Anita")

PARTITURAS

1º Henrique Simonetti ("Presença de Anita")
2º ....("Terra é Sempre Terra")
3º Cláudio Santoro ("Maria da Praia")

ARGUMENTOS

1º Monteiro Lobato ("O Comprador de Fazendas")
2º Mário Donato ("Presença de Anita")
3º Jorge Dória ("Maior Que o Ódio").

leon eliachar

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

Nº 3 ★ 17-1-52

Sumário

Os melhores de 51 (Leon Eliachar) 3
O Barco das Ilusões (cine-romance) 5
Eliane Lage não foi julgada (Paulo Kalamar) 8
Meu Destino é Pecar (Arturo Gil) 10
A história de Mozart (enrêdo) 11
As 8 Vítimas (cine-capítulo) 12
Flashes Mundiais 15
Ilka Soares Vai Casar (Jorge Miguel) 18
Raymond Massey 20
Problemas Humanos (Dr. Luis Fraga) 21
O Beijo e a Censura 22
McDonald Carey 24
Coluna do fã 25
A morte ronda uma chefatura 28
Phyllis Calvert 30
Melodias para você 31
O verdadeiro Alan Ladd (Francesca Lamarr) 32

★

C A P A :

ILKA SOARES,

numa pose especial de ÁVILA

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.
Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

QUAIS FORAM OS MELHORES DO CINEMA BRASILEIRO EM 51?

Veja no próximo número as bases da sensacional enquete promovida pela A CENA, em colaboração com as emissoras CONTINENTAL e CLUBE

PRÊMIOS! — ESTATUETAS! — FESTIVAL!

CINE-ROMANCE

O BARCO DAS ILUSÕES

ERA um dia de festa, pois chegava à cidade o Cotton Blossom, o teatro flutuante do Capitão Andy Hawks. Muito antes de o maravilhoso palácio flutuante haver atracado no único amarradouro que a pequena aldeia possuia, o lugar havia assumido um aspecto festivo. De fato, o reboliço começara havia muito, quando os trabalhadores dos campos de algodão, que margeavam o rio, divisaram os primeiros sinais do Cotton Blossom, o famoso teatro flutuante, que, na época das colheitas, fazia uma "tournée" pelas localidades ribeirinhas, para levar a suas populações divertimento, alegria, e um vislumbre do mundo exterior.

Os trabalhadores nos campos viram o Cotton Blossom, sorriram e largaram suas ferramentas. As grandes plantações regorgitaram de contentamento e deixaram de lado suas atividades cotidianas. As beldades sulistas abandonaram suas rêdes e leques, ataviaram-se e partiram para a cidade. Os cavalheiros enfiaram as velhas fatiotas.

Sim, o Cottom Blossom estava na cidade e logo que o barco foi amarrado, o Capitão Andy Hawks e sua troupe prepararam-se para uma demonstração e um desfile gratis, a fim de avivar o interêsse de seus espectadores. A bordo do Cotton Blossom, o órgão a vapor iniciou uma música brejeira. Garboso em seu uniforme, o próprio Capitão Andy, trazendo uma corneta na mão, liderava a banda.

De todos os cantos da cidade, aliás de tôda parte do condado, o povo acorria para ver o Cotton Blossom.

Após descer a prancha de desembarque, o Capitão Andy fêz um sinal com a mão e a música parou. Em seguida, pulou para um fardo de algodão.

— Senhoras e senhores — anunciou. Sua voz era possante. — E' com grata satisfação que volto a oferecer minhas diversões à vossa dígna comunidade.

Atrás dêle encontravam-se aglomerados os atôres, trajando os costumes com que, apareciam nas peças.

— Desejo apresentar-vos alguns dos melhores artistas que já representaram em cidades ribeirinhas — prosseguiu o Capitão Andy. — Miss Ellie May Shipley, um brinde de Cairo, Illinois. A seguir quero apresentar-vos Frank Schultz. O Sr. Schultz é o vilão de nossa companhia.

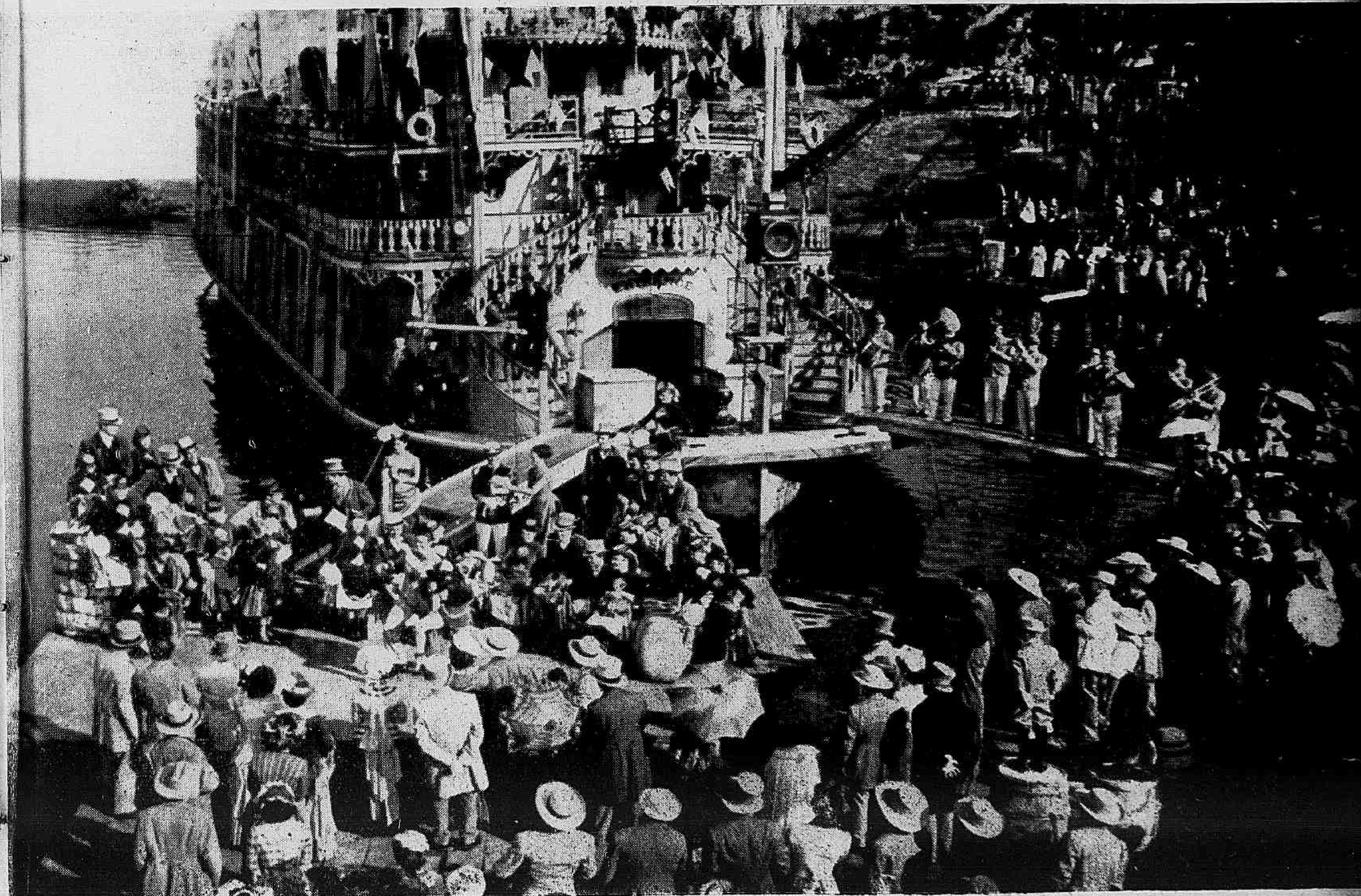
A seguir o Capitão Andy apresentou a bela e ardente Julie Laverne, cantora e "estrêla" principal, e depois Stephen Baker, o galã mais elegante de todo o Oeste Médio dos Estados Unidos. Julie e Stephen representaram um trecho da peça "Tempestade e Bonança" a peça que a companhia ia apresentar aquela noite. Em seguida, Ellie e Frank divertiram a multidão com alguns números de dança, encerrando assim aquêle espetáculo grátis.

Porém havia mais, muito mais dentro do mundo do Cottom Blossom que não podia ser visto naqueles "shows". Julie Laverne e Stephen Baker eram amorosos tanto no palco como fora dêle. Estavam profundamente apaixonados. Contudo, Stephen não era o único homem apaixonado por Julie, a Julie de olhos castanhos e cabelos de ébano. Apaixonado por ela encontravam-se, também, Pete, membro da equipagem, de compleição atlética e paixão abrasadora. E, naquele instante, a paixão de Pete estava incontrolável. Pois acabara de descobrir que Julie havia desprezado o presente de um colar que êle lhe fizera, dando-o à sua camareira, Queenie. Arrancou violentamente o colar do pescoço da assustada mocinha, e, não respeitando a velha lei teatral de que nada deve interferir no espetáculo, avançou para o palco, agarrou o braço de Julie, que se afastou para um lado, enquanto o Capitão Andy começava a distribuir os convites.

— Que idéia foi essa de jogar fora o presente que lhe dei? — rosnou Pete.

— Afaste-se de mim — disse Julie, desdenhosamente.

A platéia estava presenciando o que se passava. Julie tentou desvencilhar-se, mas



não pôde. A atenção dos circunstantes concentrou-se na estranha luta, percebendo que a mesma não fazia parte do programa.

Mas nesse instante Stephen segurou fortemente o braço de Pete, afastando-o de Julie com um empurrão.

— Já o avisei para manter-se afastado de minha espôsa — bradou Baker.

— Ora, ela não passa de.

Antes que pudesse completar a frase Stephen atingiu-o em cheio com um sôco, derrubando-o por sôbre um fardo de algodão.

— Um momento, minha gente — gritou o Capitão Andy. Creio que houve um pequeno equívico. Os rapazes acabam de representar parte de uma cêna de uma de nossas outras peças.

Um dos tripulantes carregou Pete, enquanto o Capitão Andy continuava se dirigindo ao público.

— Não se esqueçam, hoje à noite. Comprem seus bilhetes agora mesmo.

No Cotton Blossom, Pete jurou vingança.

— Eu sei de umas coisas — disse êle, antes de se afastar. — Veremos quantas funções darão nesta cidade.

E assim, enquanto o Capitão Andy reunia sua banda para um desfile pelas ruas da cidade, Pete partiu em busca de vingança.

Em outra parte da cidade, um drama diferente estava desenrolando-se. Um rapaz estava sem sorte no jôgo. Alto, robusto e elegante, trajando as roupas vistosas do período, o rapaz recebia os reveses da sorte com fria calma. Havia acontecido antes, e aconteceria outras vêzes. Fazia parte de sua profissão. Pois que era jogador e chamava-se Gaylord Ravenal. Havia já pèrdido mais de dois mil dólares e encontrava-se agora completamente falido, sem nada, a não ser um bilhete de volta para Nova Orleans.

— Posso jogar com isto? — perguntou.

— Pode — concordou o banqueiro, distribuindo as cartas.

O curso da sorte não mudara e Gaylord pèrdeu mais uma vez. Acendeu um charuto, pegou a bengala, levantou-se, despediu-se e saiu. Estava quebrado, novamente. Tudo o que possuia era a roupa do corpo, e a bengala, símbolo de sua sorte, da qual nunca se separava.

Passeou pela cidade, refletindo no futuro. Parecia negro. Naturalmente, deveria embarcar, preferívelmente para Nova Orleans. Alí, poderia levantar algum capital e continuar com sua vida, a única vida que conhecia, ou desejava ter, a vida de jogador.

Assim pensando, dirigiu-se para o rio, entrando no Cotton Blossom. Descobrira que o barco-teatro terminaria sua excursão em Nova Orleans. O Capitão Andy encontrava-se ainda na cidade, dando o seu espetáculo de rua. Gaylord resolveu esperar por êle.

Nesse momento, através de uma janela aberta, chegou-lhe aos ouvidos uma voz.



— Não arruineis minha vida — dizia. — Ide. Não existirá sequer um pouco de misericórdia em vossa negra alma? Nenhuma bondade em vosso hediondio coração? Oh, senhor, que espécie de chacal sois vós?

A curiosidade desperta, Gaylord penetrou no auditório. Havia uma moça no palco. Era jovem e bela. O rosto tinha a forma de um coração e os lábios exprimiam petulância.

Não percebendo o espectador, prosseguiu:

— Deixai de dar a minha filha ricos diamantes e voltai para os braços de vossa espôsa.

Ravenal não pôde conter o riso.

— Bravo! Bravo! — gritou, batendo palmas.

A moça tirou a peruca e os óculos que estava usando.

— Deseja alguma coisa, senhor? — perguntou ela.

— Um pouco mais do que estava fazendo, por favor. Continui com o ensáio.

— Não estava, na realidade, ensaiando. O senhor compreende, minha mãe não quer que eu me torne atriz.

— Mas você gostaria de ser atriz, não?

— Naturalmente. O teatro torna tudo tão real, mesmo não passando de ficção.

— Sim, exatamente — replicou Gaylord. — Eu e você, por exemplo, poderíamos ser Romeu e Julieta. Poderiamos até mesmo fingir que nos apaixonamos à primeira vista.

Entreolharam-se. Pois acontecia que haviam-se apaixonado, haviam-se apaixonado à primeira vista.

— Magnolia! — gritou alguém, da coberta interrompendo os devaneios dos jovens. — Magnolia! Ainda não acabou de arejar êsses costumes?

— Quem é— perguntou Gaylord.

— Mamãe. Ela e papai são os donos do barco.

— Justamente as pessoas com quem desejo falar, Miss Magnolia.

Gaylord curvou-se respeitosamente e acompanhou a moça.

Magnolia Hawks ficou parada na coberta superior, vendo Gaylord Ravenal aproximar-se de seu pai, o Capitão Andy Hawks.

O jovem tirou o chapéu e inclinou-se.

— Permitam que eu me apresente — disse êle. Chamo-me Ravenal, Gaylord Ravenal, dos Ravenal de Tennessee. Soube que estão a caminho de Nova Orleans.

— Não aceitamos passageiros, jovem — interveio Parthenia, espôsa do Capitão Andy, que ficara por perto.

— Naturalmente, madame — disse Gaylord, virando-se e cumprimentando-a. — Mas, acontece que sou ator. E pensei que talvez houvesse uma vaga em sua companhia. Não trago comigo as minhas referências...

— Sinto muito, Sr. Ravenal — respondeu o Capitão Andy. — Estamos completos. O pessoal tem estado comigo durante todo êste tempo e não tenho motivos para queixas. Lamento imensamente, porque acho que o senhor faria um belo tipo diante das luzes do palco.

Gaylord assentiu, tristemente.

— Parece que hoje não é meu dia. Obrigado, de qualquer modo, senhor.

Inclinou-se para a Sra. Hawks, voltou a cabeça para Magnolia, que ficara a observá-lo lá de cima, e em seguida afastou-se. À Sra. Hawks não passou despercebida a maneira como êle olhava sua filha. Precisava tomar cuidado, pensou.

Estranhamente exultante de felicidade, Magnolia correu para Julie, para falar-lhe de Goylord.

— Eu sei — disse Julie. — Vi-a conversando com aquêle almofadinha.

Magnolia corou.

— Papai diz que êle é artista. Porém quando êle parou alí, olhando e sorrindo para mim...

— Existe uma velha canção que diz justamente o que você quer dizer, querida — disse Julie, recordando-se. — Chama-se

"Não Posso Deixar de Amar Aquêle Homem". Vou canta-la para você.

Com sua bela voz de contralto, Julie entoou a triste canção. Quando terminou as duas moças se abraçaram.

Parthenia ouvira o canto. Nunca aprovara a amizade que surgira entre a trigueira e misteriosa Julie, cujo passado era um enígma. Parthenia apareceu na coberta e mandou a filha embora.

— De hoje em diante não quero vê-la mais em companhia dessa Julie — disse ela.

Ao que Magnolia, exaltada, reagiu.

— Julie é minha amiga — protestou a moça. — E' boa e delicada, e eu não permitirei que falem mal dela.

Afastou-se, deixando a genitora perplexa, ante tal explosão.

Àquela noite, após haver a companhia empolgado a plateia da cidade com "Tempestade e Bonança", realizou-se o concêrto. Frankie e Ellie estavam desempenhando seu número, quando Parthenia, de uma das alas do palco, fêz sinais ao Capitão Andy para vir até aos bastidores.

Algo estava acontecendo. O Capitão correu para os bastidores.

— Há complicações. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde teríamos complicações por causa dessa Julie — disse-lhe Parthenia. — Pete voltou e trouxe consigo o delegado.

Julie e Stephen estavam sentados a um canto. Entreolharam-se. Stephen tirou então um broche do vestido de Julie.

— Não doerá muito, querida — disse. Segurou a mão de Julie e introduziu o alfinête do broche em sua carne. Em seguida levantou a mão de Julie, encostando-a nos lábios, para sugar o sangue.

— Deixe que êles venham agora — disse Stephen.

— Infelizmente, Capitão Hawks, — disse o delegado, — tenho notícias desagradáveis para lhe dar. O senhor tem um caso de miscegenação a bordo. O que é considerado crime neste estado. Caso de mulher negra casada com homem branco. O homem, Steve Baker. A mulher, Julie Laverne, nascida Julie Dozier.

— Julie! — gritou Magnolia.

Os circunstantes quedaram mudos. Sabiam que havia qualquer coisa estranha no passado de Julie, mas não sabiam o que.

— Arrumem suas coisas, vocês dois — ordenou o delegado.

— Um momento — redarguiu Steve. — Olhe aqui, delegado, o senhor não chamaria um homem de branco se êle tivesse sangue negro em suas veias, chamaria?

— Não. Uma gôta de sangue negro tornaria êsse homem negro no local em que caisse.

— Bem, tenho mais de uma gôta dentro de mim.

— Está disposto a jurar isto perante um tribunal?

— Em qualquer parte — disse Steve. — Pergunte a qualquer uma destas pessoas aqui. Todos — jurarão que tenho sangue negro neste momento.

Steve estava triunfante. As poucas gôtas de sangue que sugara da pequena incisão feita em Julie com seu broche tornaram suas palavras realidade. Embora fôsse um homem branco, Steve tinha dentro de si sangue negro.

— Então, como é que êste homem aqui, que tem viajado com vocês, vem a mim e me diz que.

— Dir-lhe-ei por que — interveio Magnolia. — Porque é um cretino muito grande. Tem andado a atormentar Julie e ela não quis nada com êle. E' mesquinho e é feio, eis aí por que.

— Ela tem razão, delegado — disse o Capitão Andy. — Minha filha está dizendo a verdade. — Voltou-se para Pete, dizendo; — Saia daqui. Está despedido.

No palco, Frank e Ellie haviam terminado seu número. A audiência começou a clamar por sua favorita, Julie Laverne.

O Capitão Andy olhou para o delegado.

— Ela não pode continuar — disse o delegado. — Não posso responsabilizar-me pelo que possa vir a acontecer-lhe se a notícia se espalhar. Aconselho-o a encerrar o "show" agora mesmo.

Êle estava sendo categórico. Não só disse que Julie não poderia aparecer em cena aquela noite, como também que não poderia mais permanecer no Cotton Blossom. Ela e Steve resolveram partir na manhã seguinte e foram arrumar as malas.

A correção levantava do rio quando Julie e Steve colocaram sua bagagem no coche de aluguel. Magnolia havia-se despedido de sua amiga.

— Nada mudou, Julie — havia-lhe dito.

— Oh, Nolie. Nolie, sempre sincera. Nunca esquecerei minha Nolie. Seja feliz, minha querida.

E assim, Julie e Steve deixaram o Cotton Blossom.

Steve ajudou a Julie subir na carruagem e ambos desapareceram na neblina. Imediatamente o Capitão Andy deu ordens para largar. Joe, tripulante negro, começou a dar cumprimento às ordens recebidas, e a cantar magnifica canção, muito popular naquele rio, "O Velho Rio".

Justamente quando o barco estava pronto para partir, alguem surge noutra carruagem. Dela pulou Gaylord Ravenal.

— Capitão Andy — gritou êle. — Poderei ser-lhe de alguma utilidade? Acabo de ouvir as novas.

— Sim, sim — respondeu o Capitão, no mesmo tom. — Suba.

Gaylord correu para a prancha que ia ser retirada.

O teatro flutuante afastou-se lentamente do cais. Sua roda na pôpa revolveu a água e o barco começou a mover-se majestosamente rio abaixo.



Gaylord era membro da companhia do Cotton Blossom. Estava a caminho de Nova Orleans e de uma nova partida de baralho. Porém, o mais importante; estava perto de Magnolia.

O Capitão Andy estava encantado com seu novo galã. Gaylord era um tipo alto e elegante. Possuia feições nobres. Sua voz era cheia e rica. Aprendia os papéis com grande facilidade e sabia de fato representar. Cheio de confiança, o Capitão vaticinava que Gaylord seria em breve a sensação do rio. A companhia, igualmente, estava encantada com êle. O que não sabiam, contudo, é que na realidade êle não possuia em absoluto experiência teatral. Porém estavam satisfeitos com os resultados.

Apenas e espôsa do Capitão, a rabugenta e sempre mal-humorada Parthenia, era quem tinha suas desconfianças, não deixando, aliás, de expressá-las abertamente.

— Um almofadinha vagabundo. Provàvelmente um jogador — resmungava ela.

Cheia de suspeitas — e ela tinha bons motivos para tanto — fiscalizava tôda função. Havendo partido Julie, a companhia necessitava urgentemente de uma "estrêla". As safras haviam sido excelentes, e grandes negócios eram esperados durante a viagem rio abaixo. Assim, com ares de mágico, o Capitão Andy propôs o nome de Magnolia para aquêle papel.

(Cont. na pág. 26)

Novelização do filme da Metro-Goldwyn-Mayer, baseado na imortal peça de autoria de Jerome Kern e Oscar Hammerstein II, «SOW BOAT»
Extraido da novela de Edna Ferber.
Novelização de M. G. Maynard

ELENCO DO FILME:

Magnolia Hawks	KATHRYN GRAYSON
Julie Laverne	AVA GARDNER
Gaylord Ravenal	HOWARD KEEL
Capitão Andy Hawks	JOE E. BROWN
Ellie May Chipley	MARGE CHAMPION
Frank Schultz	GOWER CHAMPION
Stephen Baker	ROBERT STERLING
Parthy Hawks	AGNES MOOREHEAD
Cameo McQueen	ADELE JERGENS
Pete	LIEF ERICKSON
Joe	WILLIAM WARFIELD
Queenie	FRANCES WILLIAMS
Windy McLain	OWEN McGIVENEY
Delegado (Ike Vallon)	REGIS TOOMEY
Kim Ravenal	SHEILA CLARK



Eliane, ao natural.



Um susto que passou.

ELIANE NÃO FOI JULGADA

A VÍTIMA PEDIU O ARQUIVAMENTO DO PROCESSO ★ HISTÓRIA DE UM ATROPELAMENTO QUE TERMINOU MUITO BEM, COM A VÍTIMA DEPONDO EM FAVOR DA "ESTRÊLA".

De PAULO KALAMAR
(Especial para A CENA MUDA)

S. Paulo, dezembro — (Especial para a "CENA").

O público paulista acompanhou com bastante interêsse o processo que foi movido contra a "estrêla" Eliane Lage. A "Marina" de Caiçara" e protagonista do "Ângela", sentou no banco dos réus, acusada de ter atropelado e ferido, com seu carro, um vendedor ambulante.

O PÚBLICO PRESTIGIOU ELIANE

O acontecimento poderia ter sido apenas um corriqueiro incidente policial. Numa noite sem lua, numa rua sem luz, quando se dirigia de S. Paulo para S. Bernardo, onde reside, Eliane teve que freiar bruscamente o seu "jeep", pois um caminhão, vindo contra a mão, com fortes farois, impedia a sua visão. Ao freiar o carro, Eliane atingiu uma carrocinha de frutas, cujos varais foram atingir o vendedor, que saiu ligeiramente ferido.

A "ESTRÊLA" SOCORRE

Eliane imediatamente levou o ferido para a Central de Polícia. De lá, acompanhou-o até à Assistência. Essa atitude da "estrêla" foi muito bem recebida na Polícia, pela imprensa e pelo público, que soube do desastre através dos jornais. A nota curiosa e simpática é que desde o primeiro instante, todos se colocaram ao lado da artista, não acreditando na sua culpabilidade, apoiando as suas declarações no processo instaurado por fôrça da lei.

DEPOIS OS RUMORES

Mas o tempo foi passando. O incidente se verificou em junho. Começaram a circular, depois de um certo tempo, que o processo marchava, dentro das normas legais, e que Eliane teria ainda alguns aborrecimentos, inclusive comparecer ao Tribunal de Justiça e se sentar no banco dos réus.

MAS A VÍTIMA TAMBÉM ERA FÃ...

Quando o Tribunal ia decidir, por ocasião do julgamento, a vítima do acidente deu a nota. Afinal de contas êle também era fã de Eliane. Foi ao juiz e pediu, êle mesmo, o arquivamento do "caso". Reconheceu que nem êle nem Eliane poderiam ser apontados como causas de uma fatalidade. Inocentou Eliane de qualquer culpa e ainda agradeceu a presteza com que ela havia agido, em seu socorro, na noite do atropelamento.

Não, ela não foi a vítima; trata-se de uma cena de «Ângela».



MEU DESTINO É FILMAR

DE ATOR A DIRETOR INTERNACIONAL — PIONEIRO DO CINEMA VENEZUELANO — AMIGO DE CARLOS GARDEL — "MEU DESTINO É PECAR", SEU PRIMEIRO FILME NO BRASIL — ACREDITA COM SEGURANÇA NUM GRANDE FUTURO PARA A INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA BRASILEIRA.

De ARTURO GIL

MANOEL PELUFFO, começou a trabalhar no cinema em 1929, em New York, na Judish Talking Pictures, exercendo as funções de cortador-ajudante.

Depois atuou como ator e cortador dos filmes "hablados" de Joinville, na França, em Barcelona e em Hollywood. Foi companheiro de Carlos Gardel em todos os seus filmes. Depois da morte de Gardel de quem era grande amigo e companheiro, Peluffo ficou em Hollywood como ator, trabalhando em vários filmes como "Mensagem a Garcia" com Barbara Stanwick, Wallace Beery e John Boles, "The Gay desesperado" com Ida Lupino e Leo Carrillo, "Madrid Under Fire" com Loreta Young.

Trabalhou, também, com Roulien e Rosita Morena em vários tablados.

Em seguida passou-se para a McCarey Inc., uma companhia subsdiária da Universal, especializada em filmes de Western. Lá exerceu as funções de "continuity-man".

Nessa época, começava a grande luta pelo nascimento do cinema mexicano, Peluffo, como bom latino gosta da luta e gosta de empreender. Passou-se para o México e lá trabalhou para a Clasas Filmes e para o poderoso produtor Afonso Sanchez Tello. Dirigiu ainda vários filmes como "Herenciade Sangre", "Yo No Fué Santa", "Rosas de Invierno" etc.

A convite do presidente da Venezuela, general Isaias Medina, foi realizar filmes na Venezuela, tendo lançado ao mundo, através do filme do mesmo nome a canção "Alma Llanera".

No Brasil — Manoel Peluffo começa com "MEU DESTINO E' PECAR" com o entusiasmo sempre novo de um homem de luta e êle acredita firmemente nas possibilidades do nosso cinema e agora, segundo êle mesmo confessa, tendo sua única filha se casado com um brasileiro, adotou o Brasil como sua segunda pátria e que jamais pretende sair dêste país e que lutará pelo erguimento do seu cinema.

Numa rápida entrevista que tivemos com Manoel Peluffo, quando de sua passagem pelo Rio, para inscrever seu primeiro filme no 2º Festival de Punta Del Este, que se realiza atualmente no Uruguay, ouvimos dêle estas palavras:



MANOEL PELUFFO

— "Acredito firmemente no cinema nacional. Pelos filmes que tenho visto, não tenho a menor dúvida em afirmar que existem aqui elementos brasileiros de real competência, tanto diretores, como artistas e técnicos. Infelizmente, existem poucos produtores, capazes de inverter grandes somas nessa indústria que só agora está tomando verdadeiro vulto no Brasil".

— Pretende continuar filmando aqui? — aventuramos.

— "Efetivamente. Meu segundo filme será uma comédia musical, com assunto tipicamente brasileiro. Provàvelmente, será rodado na Bahia. Pretendo, mais tarde, fazer um intercâmbio com o México, produzindo um filme em co-produção com Cantinflas, que será o ator principal, ao lado de artistas brasileiros. Êsse filme será rodado parte no México e parte no Brasil, assegurando assim a sua exibição nos países de língua latina. Já tenho alguma coisa encaminhada nesse sentido".

— Que acha do cinema brasileiro atual? — perguntamos.

— "Sem dúvida, êle melhora de ano para ano. Faltam ainda técnicos especializados em diversos setores. Cinema, como v. sabe, é uma arte de conjunto. Por isso, sua equipe técnica deve ser tôda ela de valor, porque a deficiência do trabalho de um prejudica o de outro, deturpando o conjunto. Mas êsse é um problema que está desaparecendo lentamente, porque dentro de alguns poucos anos, o Brasil poderá contar com alguns dos melhores técnicos do mundo — não só estrangeiros, como também nacionais, que estão agora se especializando na prática; e a prática é o fator essencial para a formação de um técnico".

— Qual a sua impressão pessoal sôbre o seu primeiro filme aqui no Brasil?

— De uma forma geral, boa. Não pretendi fazer nenhuma obra sumamente artística. Escolhi um livro de sucesso inteiramente popular, como é "Meu Destino é Pecar" de Suzana Flagg, com 12 edições esgotadas, tendo sido radiofonizado, também. Adaptei-o para o cinema certo de que será também um outro êxito para o público. E, embora de caráter estritamente popular, tive o cuidado de fazer uma fita limpa, com boa técnica (fotografia, música, montagem) escolhendo dois astros de prestígio para encabeçar o elenco: Antonietta Morineau e Alexandre Carlos, sendo que êste último está filmando atualmente na Itália.

— Que acha da inscrição de seu filme no Festival de Punta Del Este.

—Acho que é uma necessidade inscrevermos filmes em Festivais. Não só o meu, como os outros inscritos "A Sombra da Outra", "Tico-Tico", "Ângela" e "Areias Ardentes" mostrarão ao mundo que existe no Brasil uma indústria cinematográfica que está nascendo. E que tem, indiscutìvelmente, grandes possibilidades num futuro muito próximo".



A HISTÓRIA DE MOZART

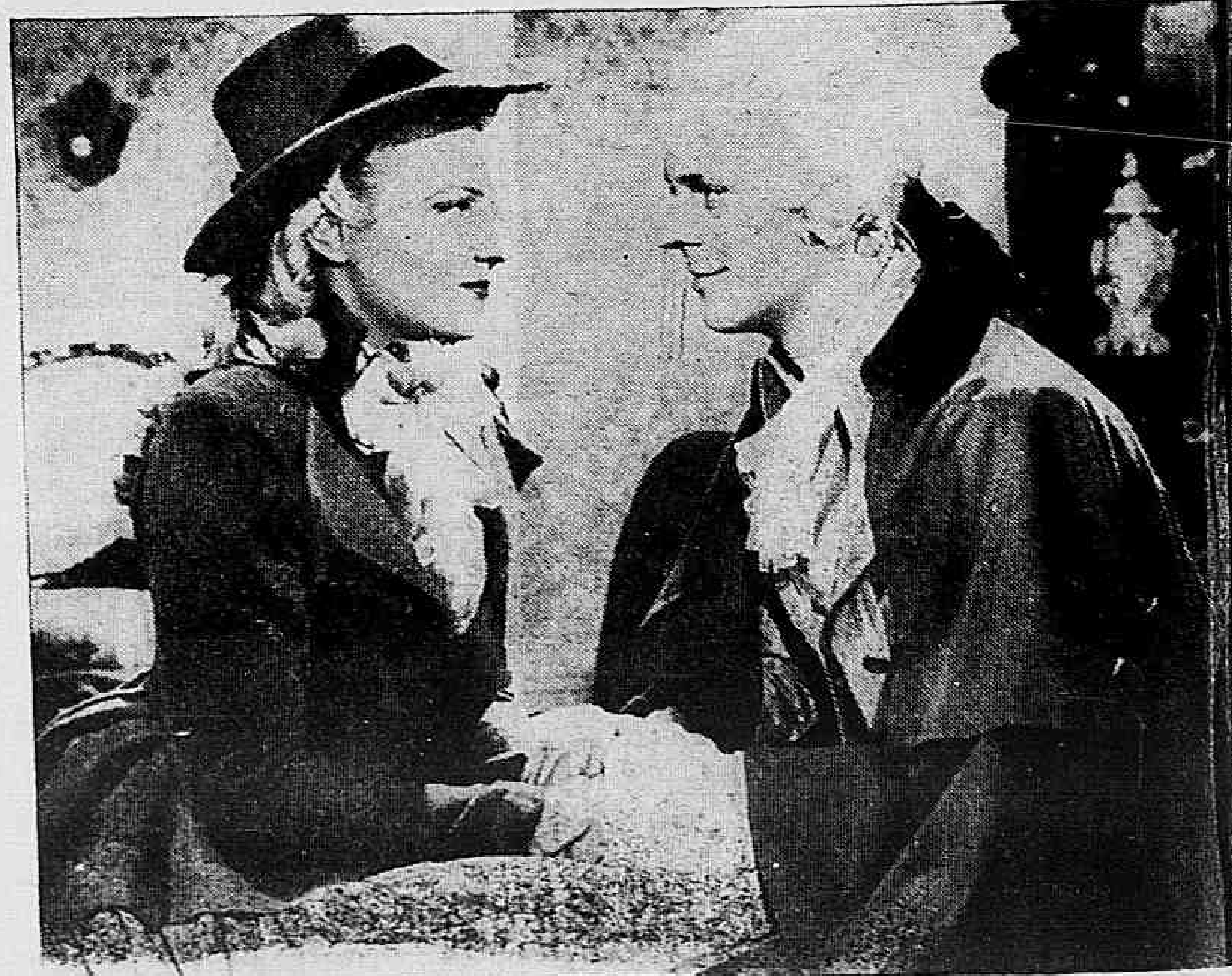
"A HISTÓRIA DE MOZART"
(The Mozart Story)

Elenco:

Wolfgang Amadeus Mozart	**Hans Holt**
Constance	**Winnie Markus**
Louise	**Irene Maydendorff**
Ludwing Von Beethoven	**Rennee Deltgen**
Antônio Saliere	**Wilton Graff.**

★

Direção de Karl Martl — Músicas da Filarmônica de Viena. Arranjos musicais de Alois Helichar. — Apresentação da Lippert Films.



O famoso compositor Joseph Hayden faz uma visita ao não menos famoso Antônio Saliere, musicista da côrte imperial de Viena, o qual está colecionando todos os manuscritos e composições de autoria de Wolfgang Amadeus Mozart, recentemente falecido, aos trinta e cinco anos de idade. Hayden tem conhecimento de que Saliere ameaçara destruir tôda a obra do grande músico. Entretanto, Saliere que fôra o mais acerrimo inimigo de Mozart, prometera a um amigo que não faria tal coisa, que ao contrário, procuraria difundir a obra do Mestre, para com isso, compensar as injustiças que praticara. Assim começou-se a conhecer a vida de Mozart e sua formidável obra, produção artística que ainda hoje resiste e resistirá para sempre porque, as expressões legítimas da arte são imperecíveis.

Ainda criança Mozart deixou a casa paterna e foi para Manneheim na esperança de obter a posição de maestro da côrte. Logo enamora-se da linda Louse Webber. Nas suas visitas Mozart encontra sua irmã Constance, que fica imediatamente fascinada pelo jovem músico. Mozart organiza um concêrto para Louise na própria côrte, no qual, sob seus cuidados, sua direção, seu acompanhamento a interessante e talentosa Louise, conquista os aplausos e encômios da crítica, graças ao que, ela é aceita no elenco da ópera. Entrementes, Mozart está querendo conquistar um lugar ao sol, mas começam a surgir a insídia e a inveja personificadas em Antônio Saliere, que teme perder o seu precioso cargo de Maestro da côrte. A guerra movida abate os ânimos de Mozart, que inicia-se assim, na carreira do sofrimento. Desapontado e triste êle segue para Viena, onde vai ensinar piano para viver, enquanto envida esforços para recuperar a "chance" perdida, mas Saliere continua procurando impedir que Mozart vença os obstáculos. Mozart compõe sem cessar e imprime na sua música tôda a tragédia que lhe vai na alma, o que o torna um ídolo dos amigos. Êstes levam Mozart a compor diante do Imperador, que demonstra muito interêsse pelo artista desconhecido e até toca, no seu violino, alguns acordes mozarianos. Dêste encontro com a figura simpática do Imperador, Mozart sai vencedor e em seguida é comtratado para compor uma ópera.

Nos encontros com a família Webber, em Viena, Mozart é atraído para Constance. Louise, a êsse tempo, tornara-se uma "estrêla" de grande nome em Munich e casara-se. Inspirado no devotamento de Constance, Mozart escreve a sua primeira ópera. Constance que continua apaixonada livra-se de sua mãe e fica com o mestre.

Saliere vê que a fama de Mozart aumenta, mas não pode evitar que êle receba um segundo contrato para escrever, desta vez fôra encarregado de fazer "O Casamento do Fígaro". O destino porém, tem seus caprichos e reserva para os gênios as suas maiores invenções. Pronta a ópera e a Louise que se dão o papel de "primma donna". Mozart, novamente, se vê enredado no antigo amor. Louise é irmã de sua espôsa. Por isso, o mestre afunda o seu espírito na dor e no sofrimento. Constance com rara compreenção não interfere no amor de seu marido com sua irmã, porque compreende que aquilo é o único lenitivo para a alma daquele gênio tão moço e já com tantos dissabores e desencantos. A ópera fracassa em princípio, porque os seus conceitos eram muito avançados para a época. Os admiradores de Mozart, reunidos em Praga, pedem-lhe que componha outra ópera que seja a expressão do amor eterno, e, assim, nasce "Don Giovanni". E', ainda, Louise, quem recebe o papel principal, e isto acirra mais a paixão de Mozart pela cunhada, chegando a tal ponto que Constance não pôde aguentar e abandona o marido. O momento é cruscial, mas o bom senso vence ainda uma vez, e. Mozart, que não espera grande sucesso com seu trabalho, resolve, em corso com Louise e depois de pesarem as responsabilidades, voltar para Viena com Constance.

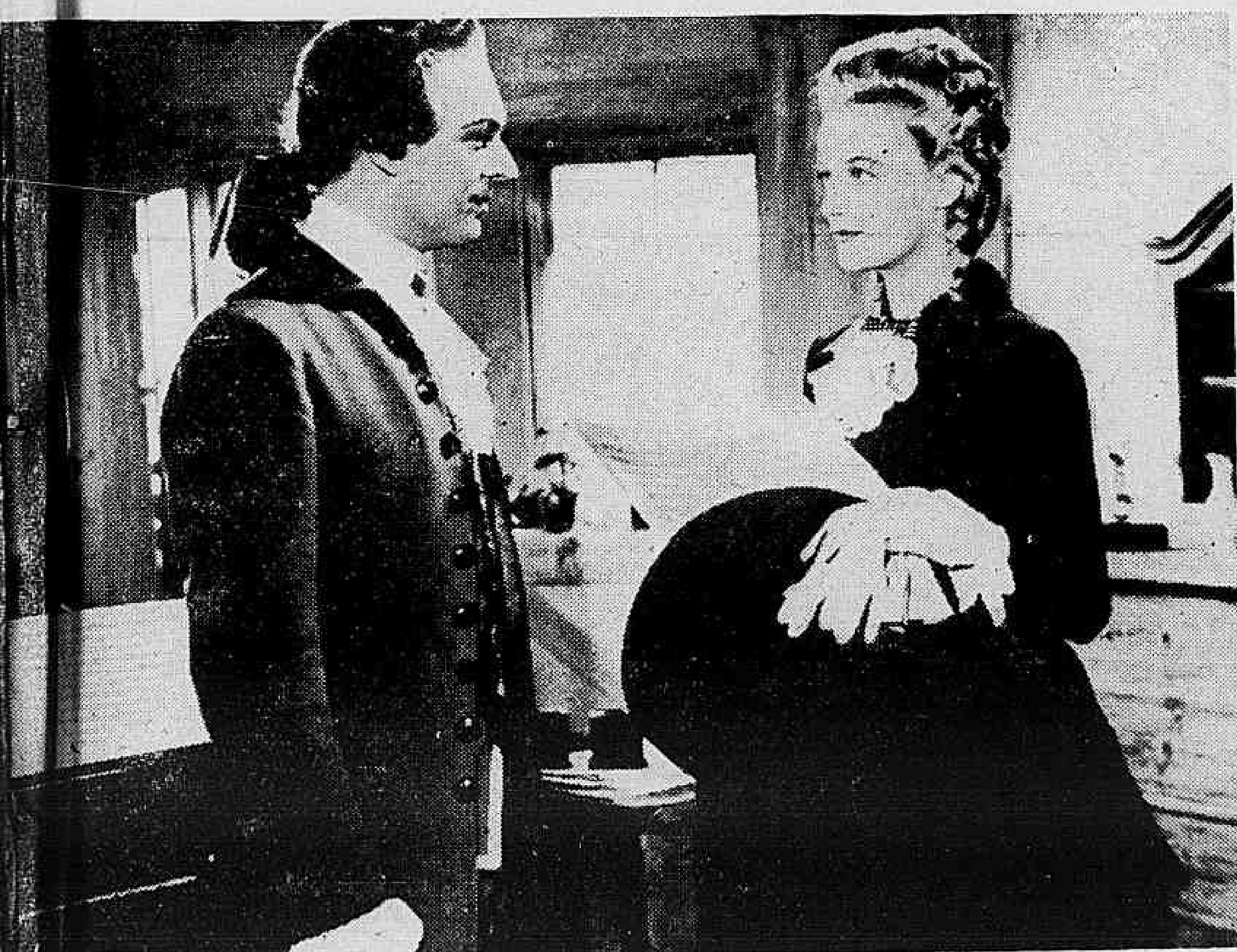
A sorte e Saliere, sitiam, mais uma vez, os projetos do mestre.

Um novo Imperador senta-se no trono. Mozart escreve a ópera da coroação, que lhe causará os maiores aborrecimentos até uma ofensa de parte da côrte. Desesperado, Mozart resolve escrever música para o povo ao invés de fazê-lo para a nobreza. Schikaneder, um famoso cômico produtor de óperas vulgares persuade ao mestre para compor músicas populares e encarrega-o de fazer, neste gênero, a "Flauta Mágica". Neste ambiente e com êstes sacrifícios e humilhações, um homem que desejava a glória, definha ràpidamente. Com a saúde combalida e o trabalho intenso êle sabe que seus dias estão contados.

Uma noite, um misterioso e estranho cavalheiro entra pela porta a dentro e pede-lhe que componha música fúnebre. Mozart, estupefato, recusa, mas tão logo o homem sai, Mozart abandona "A Flauta Mágica" e põe-se a compor o "Requiem", a música fúnebre que o homem lhe pedira. Schikaneder vem a Mozart, e, enfurecido, ordena-lhe que termine imediatamente, "A Flauta Mágica".

Um jovem compositor também visita o mestre em busca de estímulo e de orientação, é Ludwig Von Beethoven, que é muito apreciado pelo gigante prestes a sucumbir. Afinal, "A Flauta Mágica" é apresentada e julgada uma verdadeira jóia entre tôdas as óperas conhecidas. O próprio Saliere reconhece que Mozart, é, realmente, um grande talento a serviço da arte.

Mozart entra nos seus últimos minutos de vida, ouvindo o seu "Requiem" completo, cantado por seus amigos. Assim, findava o grande músico, cuja vida foi um estranho complexo de arte e beleza, que amou duas mulheres; duas irmãs, tendo numa delas a mulher, a espôsa e na outra a inspiração.





CINE-CAPÍTULO

JOVEM, b'z··rro. gentil, ameno — eram alguns dos adjetivos que lhe eram atribuidos. Não obstante, seu nome Louis D'Ayscone Mazzini, décimo duque de Chalfont, tinha ·trás de si a mais horrorosa série de assassinatos que se possa imaginar. Por uma ironia do dest'no, foi condenado a morrer enforc··do em pagamento de um crime que não cometera. A última hora, evita a corda do carrasco porque se prova a sua inocência... Porém havia escrito o relato de seus verdadeiros crimes num alarde de monstruoso orgulho e... esquece os papéis na cela da prisão, ao ser pôsto em liberdade...



AS OITO VÍTIMAS

CAPÍTULO I

ESTAMOS no fim do século XIX. Em sua cela, na prisão de Pentovelle, uma hora apenas antes de ser enforcado, Sua Excia. Louis d'Ayscone Mazzini, décimo duque de Chalfont, escreve suas memórias à luz de uma lâmpada de petróleo. E' muito guapo; trinta anos apenas. Alto, delgado, tez branca, olhos e cabelos prêtos. Sua elegância é perfeita. Veste uma calça branca, ajustada sôbre as botinas, uma bata de sêda acolchoada sôbre a camisa de batista. Porém o que mais impressiona em sua figura é sua fleuma britânica; pasmosa, absoluta, incrível. Sem dúvida, não conhece o mêdo, porque cada vez que se interrompe para buscar uma palavra esquiva, seu olhar é reto, claro e tranqüilo. E quando leva aos lábios o copo que tem ao seu lado, não lhe tremem as mãos e seu prazer de conhecedor se traduz em expressões macabras...

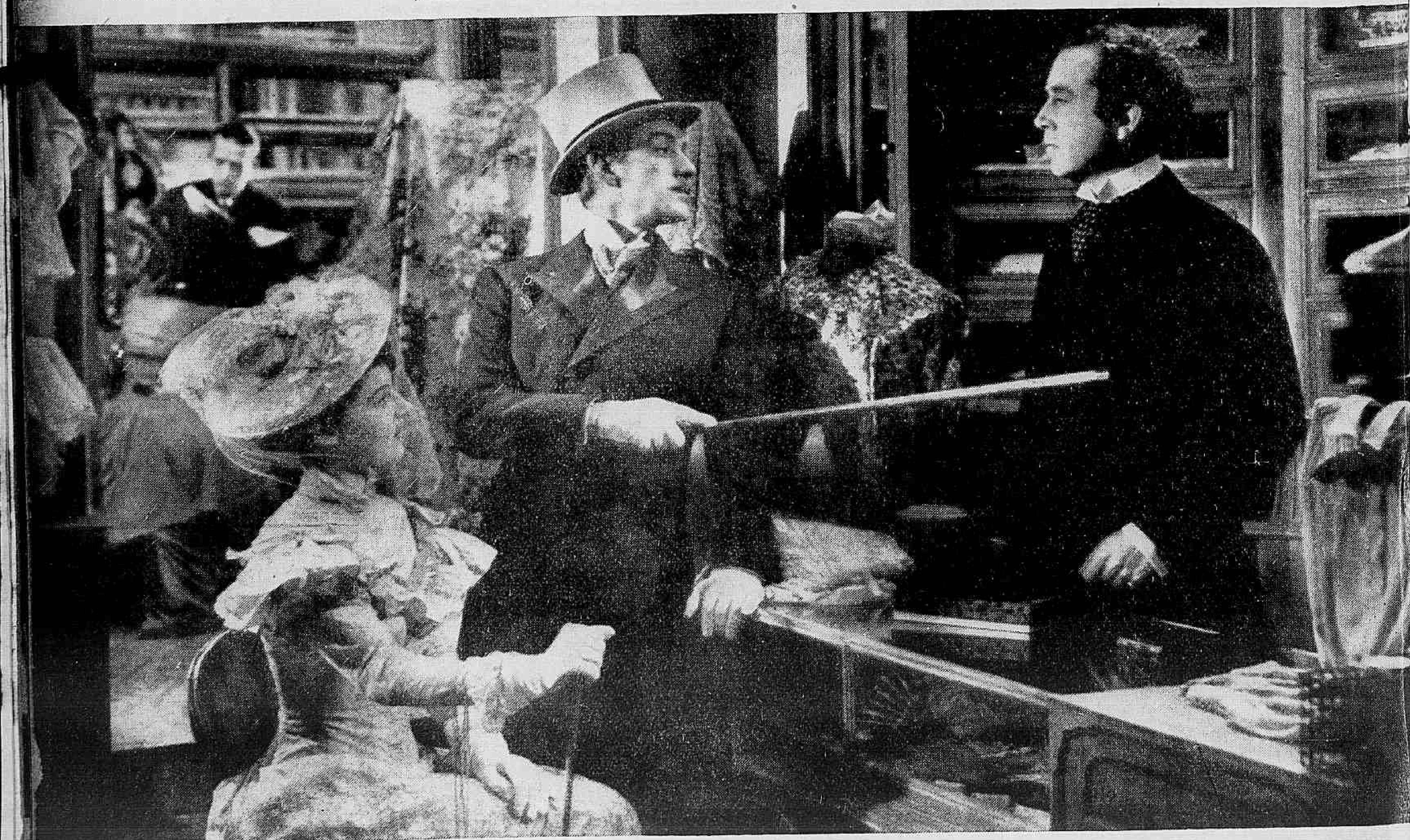
De súbito, abre-se a porta alertando as duas sentinelas

"KINDS HEARTS AND CORONETS"

ELENCO:

Louis	DENNIS PRICE
Edith	VALERIE HOBSON
Sibella	JOAN GREENWOOD
Duque, banqueiro, pároco, general, almirante, jovem Ayscone, Henry Ayscone e Lady Agatha	ALEC GUINNES

Película de J. Arthur Rank — Produção de Michael Balcon, de Ealing Studios — Distribuição: U-International, Direção de ROBER HAMER









que guardam o prisioneiro de vista e entra o alcaide.

— Olá, coronel! Boa noite — saúda o duque, afável.

— Boa noite, V. Excia...

— Um cálice de vinho?

— Não, obrigado, senhor... Vim perguntar a V. Excia. se deseja algo especial como de jejum.

— Não. Sòmente café e uma torrada... Oh! e se fôr possível, um cacho de uvas. Sinto muito ter que iludir o público dos jornais, mas, francamente, me seria muito difícil engulir tão cedo a clássica ração dos condenados. Se não me engano, a hora é às oito, não é verdade?

— Às oito, V. Excia. — confirma o funcionário, comovido.

E acrescenta:

— Senhor, não posso me conter em lhe dizer: vossa calma me enche de admiração.

— Coronel, o Dr. Johnson teve razão ao escrever: "Afirmo, milord, que quando um homem sabe que o vão executar dentro de breves horas, seu poder de concentração é maravilhoso".

— Justamente, senhor. Agora, posso fazer algo por vós?

— Nada, coronel, nada. Agradeço-vos. Presumo que amanhã teremos oportunidade de dizer-nos adeus.

— Desgraçadamente... Boa noite, V. Excia.

— Boa noite, coronel.

Tão pronto sai o devotado carcereiro, Chalfont recolhe seus manuscritos, os coloca em ordem, por páginas, e lê em voz baixa para si:

— "Breve história escrita à véspera de sua execução, por Louis d'Ayscone Mazzini, décimo duque de Chalfont, com a esperança de que a relação dos feitos que o conduziram a tal extremidade, interessará àqueles que a lerem depois de sua morte..."

Um ronco interrompe o extraordinário condenado. Procede de um dos guardas que o vigiam.

— Meu bom homem — lhe grita — não é por meu gôsto que me acompanhais. Dormi, se quereis, mas, por favor, sem tanto barulho!...

E volta mais plácido que nunca à sua leitura:

— "Minha mãe era filha do sétimo duque de Chalfont. Enamorou-se de um cantor italiano, casou-se com êle e, conseqüentemente, trocou o esplendor medieval do nobre castelo por uma modesta casa em Balaclaca Avenue, ao sudoeste de Londres. Ainda que pobres, os amantes cônjugues gozaram cinco anos de felicidade completa até que a emoção de meu nascimento matou meu pai e o levou a formar parte do côro celestial. Sua viúva, reduzida a muito estreitas circunstâncias, tratou vàmente de reconciliar-se com os seus. Mas êstes nem sequer contestaram suas cartas. E com o fim de manter-me a manter-se a si próprio, teve de recorrer ao horrível expediente de tomar um hóspede e servi-lo como criada. Mas apesar de tôdas as humilhações, nunca deixou-me de ser o que era. Inculcou no espírito as idéias de minha alta investidura e de meus direitos imprescindíveis. Passei da infância à adolescência entre a árvore genealógica e as tradições de minha família. O ducado de Chalfont foi outorgado por Carlos II ao coronel Henry d'Ayscone em prêmio aos leais serviços rendidos a Sua Majestade durante o exílio na Holanda e dos igualmente muito fiéis de sua espôsa, depois da Restauração, em virtude dos quais o título acarretou desde o princípio o singular privilégio de ser transmissível às damas o mesmo que aos varões. Quer dizer que por minha mãe era para mim teòricamente possível chegar a ser duque algum dia. Cresci, e quando comecei a sentir os primeiros sintomas do amor, entra Sibella em minha vida. Sibella e seu irmão Graham eram os únicos amigos que por sua vez me permitia minha mãe, por serem filhos de um profissional, o Dr. Hallward..."

CAPÍTULO II

E aqui, leitor, abrimos um largo parênteses e vamos fazer um retrospecto da vida de Louis d'Ayscone Mazzini, desde os seus 18 anos até ao momento em que traz à luz de suas memórias na prisão de Pentoville.

— Louis — lhe disse sua mãe sem deixar seus afazeres domésticos — temos de pensar sèriamente no futuro.

— Suponho que me será fácil encontrar emprêgo.

— Não um emprêgo, querido: uma carreira. Para você eu pensei em Cambridge. Os d'Ayscone sempre têm ido a Trinity e dalí muitos saem para a diplomacia. Mas talvez seja melhor não acalentarmos ambições exageradas. Quando passares nos exames estará em condições de abraçar uma das profissões que hoje se consideram aceitáveis para os filhos de família. Agora quem conhecemos que possa ajudar-nos?

— Mamãe, fora da família, ninguém... E a família, bem sabes...

— Tens razão, meu filho, mas ainda não é tempo para desesperar. Experimentaremos mais uma vez. Escreverei a Lord Ayscone d'Ayscone. Êle poderia fazer algo por tí em seu **banco**...

— Banco? O banco é uma profissão?

— O banco de Lord d'Ayscone é particular, Louis; não tem guichês para o dinheiro?

CAPÍTULO III

Desta vez, a resposta de Lord D'Ayscone, assinada por seu secretário, não só veio depressa como veio por mensageiro com grande presteza. Dizia:

"Madame:

Lord d'Ayscone lhe informa por meu intermédio que ignora a existência de seu filho Louis como membro da família d'Ayscone.

E. C. Howard, Secretário".

— Que estupidez essa de não admitir a tua existência, quando um dia bem poderias ser duque de Chalfont! — bramia a viúva Mazzini.

— Essa "muito bem poderias ser" me parece muito remoto, mamãe... Recorde-se que nove pessoas me separam da coroa do duque, sem contar as que ainda não nasceram.

— Sou cristã, Louis, e não obstante meu maior desejo é que tôdas elas morram amanhã mesmo...

— Exceto uma. Não esqueça que eu seja um duque, primeiro tendes de ser vós duquesa. Mamãe, ou estou muito enganado ou há de ser um emprêgo.

— Temo que sim, Louis. Um d'Ayscone de quitanda.

— Mesmo os duques mortos de fome.

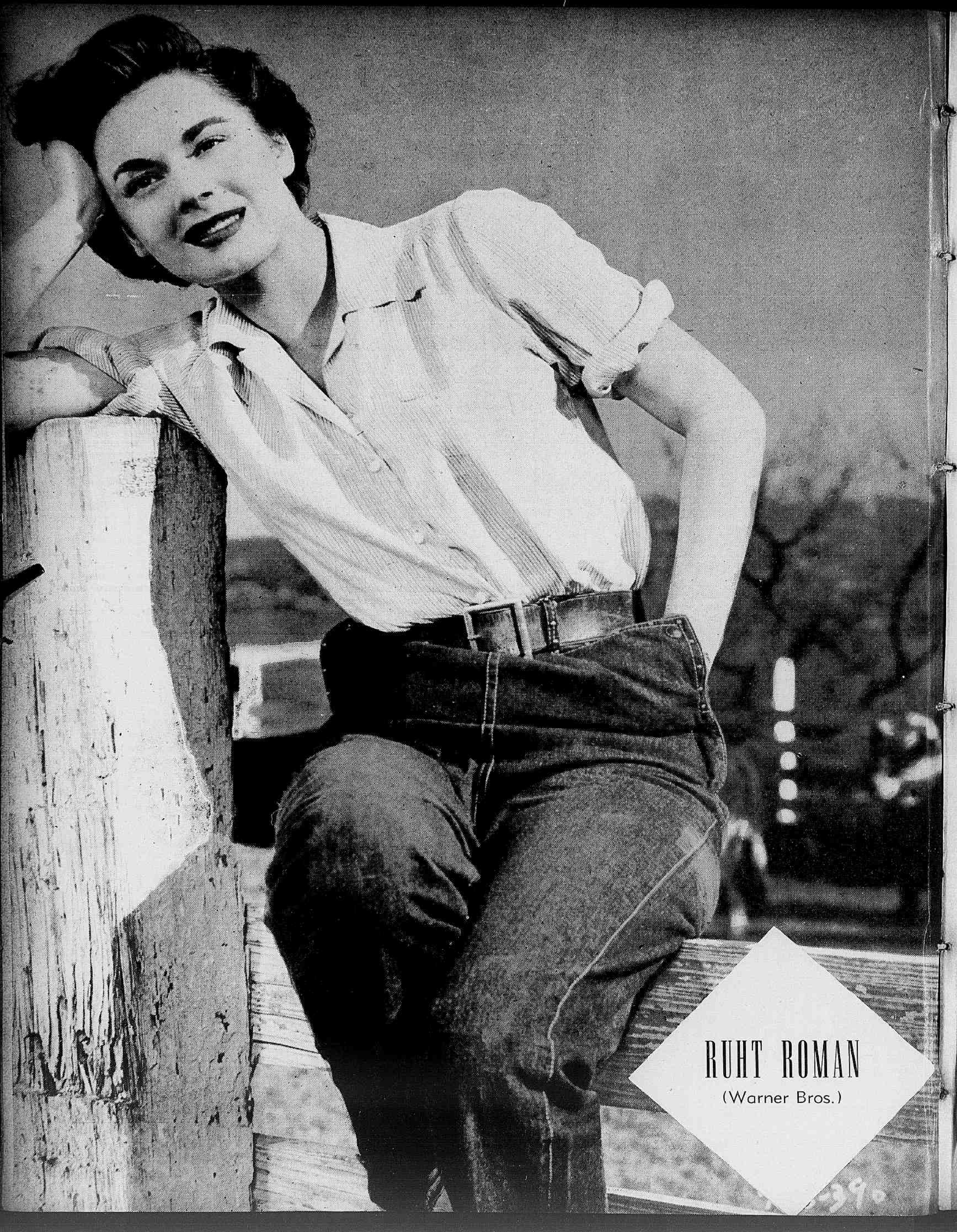
Mr. Perkins, que conta com quinze anos de hospedagem na casa e é chefe do pessoal de uma casa de fazendas, consegue para Louis a colocação de **marras**. Mas é tão curto o salário que quando sua mãe perde um dia os óculos, o jovem não teve recursos de comprar outros, e a pobre mulher foi atropelada por um bonde em Clapham Junction. Antes de expirar, a viúva Mazzini teve tempo de expressar seu último desejo:

— Louis, quero repousar no panteon da família — disse:

O filho promete, porém o atual duque de Chalfont lhe opõe um severo e decisivo "não". Conseqüentemente, o entêrro é efetuado num humilde cemitério suburbano. E é sôbre a tumba fresca e sem lápide que Louis Mazzini jura vingar-se de tôdas as crueldades dos d'Ayscone. Como? Nem sequer, o sabe, porém a semente fatal foi semeada.

(Continua na pág. 25)

ÊLE JUROU MATAR OS OITO, UM POR UM...



RUHT ROMAN
(Warner Bros.)

Flashes Mundiais

POUCO tempo depois que Charlin Chaplin imortalizara a um abobado soldado da Primeira Guerra Mundial, seu irmão Sid produziu outro filme, que obteve um êxito sem precedentes por causa do cômico recruta encarnado pelo jovem Chaplin, um personagem que respondia pelo nome de Ol'Bill.

A bilheteria dos cinemas demonstraram que o coração do público, suas gargalhadas e seu dinheiro ganho com tanto esfôrço, favoreciam o inexperiente soldado. Os espectadores simpatizavam com seus erros, porque sabiam que êles também o fariam se tivessem que vestir o mesmo uniforme que aquêles cidadões que ignoravam se o fuzil se disparava pela culatra ou pela bôca.

Em nossos dias, da Segunda Guerra Mundial surgiu uma dupla de engraçados soldados, cujas aventuras foram filmadas pela Universal-International sob o título de "Heróis da... Retaguarda" (Up Front). Éste famoso par de cínicos militares que o lápis de Bill Maudin criou em suas caricaturas, dando-lhes vida nos personagens de Willie e Joe, são reincarnados no celulóide pelas enlameadas e barbudas figuras de David Wayne e Tom Ewell.

ESTADOS UNIDOS

Depois de ter elevado o custo da produção desta fita, à altura de qualquer filme de guerra filmado até hoje, os diretores da Universal-International estão convencidos de que Wayne e Ewell alcançarão, um grande êxito de bilheteria com suas caracterizações em "Heróis da... Retaguarda" que permanecerão gravadas na memória dos apreciadores do cinema durante muito tempo.

Se assegura que Willie e Joe seguem inevitavèlmente os passos de tão cômico personagem como Ol'Bill, que também alcançou fama em caricaturas, antes de ser levado a tela.

★

Charles Drake, que tem contrato por longo prazo com a Universal-International, é um dos atores mais procurados de Hollywood. Os chefes de elenco lhe solicitam com mais freqüência do que a outros por causa de sua boa disposição e capacidade para representar tôda clásse de papéis. Drake diz que a adaptabilidade de um ator é uma qualidade primordial e não se tem notícia de que se desmentiu recusando algum papel.

Drake se chama na realidade Charles Ruppert, nasceu em Bayside, Nova York. Seu pai, já falecido, era de origem alemã e sua mãe a Sra. Anna Ruppert reside atualmente em New London, Connecticut. Charles estudou na Escola Bulkeley de New London, no Instituto Militar de Bordentown em Nova York e no Colégio Nichols de Dudley em Massachusetts, formando-se finalmente. Quando era estudante tomou parte ativa nos esportes; entre êstes praticou a natação, basquete, futebol, ciclismo e golf. Foi também membro destacado do clube de drama e do grupo de debates.

Ao terminar sua instrução trabalhou em estaleiros na construção de submarinos. Depois se mudou para Nova York e conseguiu emprêgo numa agência de publicidade. Alternando com seu trabalho nos departamentos de publicidade de grandes lojas como Mady's e Woolworth's, Charles começou a atuar no teatro. Quando aparecia no palco de um teatrinho de Nova York, foi descoberto por um agente de artistas que procurava candidatos para um concurso organizado por Jesse Lasky com objetivo de levar novos valores jovens para Hollywood. O enviaram a Méca do Cinema para que participasse nas provas finais, mas não conseguiu ganhar a competição. Sua atuação chamou atenção do produtor Rufus La Maire que o contratou para trabalhar na RKO e lhe sugeriu mudar seu sobrenome para o nome artístico de Drake.

À partir daquele momento, o ator trabalhou ininterruptamente em Hollywood, ganhando justa fama de ator adaptável a tôda classe de papéis. Recentemente, Drake terminou seu trabalho na fita em Tecnicolor "A Princêsa e os Bárbaros" (The Golden Horde) e "Mercado de Paixões" (Little Egypt), ambas dos estúdios da Universal-International. Em 2 de julho de 1946 contraiu matrimônio com Ruth Maxwell em Pomona na Califórnia. Tem uma filha, Cathy Ann, que nasceu em maio de 1950. O casal Drake são poucos afeitos à festas e preferem a leitura em casa à vida da sociedade. Entre as ambições de Drake se contam; a de perfeição em sua carreira e a de distinguir-se no golf.



Para maior realismo, algumas das cenas de «The Las Vegas Story» foram tomadas «in location», isto é no próprio local. Na foto acima vemos técnicos, artistas e auxiliares todos a postos para a filmagem de uma seqüência que se desenrola na piscina do famoso Flamingo Hotel, de Las Vegas. Os principais intérpretes de «The Las Vegas Story», que será produzido pela R.K.O. são, Jane Russell, Victor Mature e Vincent Price.

DE TODO O MUNDO

..★ *A POLÍCIA ITALIANA anda atrás de Orson Welles. E' que estando em questão com uma revista italiana, foi convidado a comparecer perante juizo para resolver a questão. Mas "Mr. Otelo" não deu confiança à intimação e sumiu. Foi-lhe então imposta uma multa pelo seu descaso para com a justiça, e é justamente para cobrá-la que a polícia italiana o procura. Será que êles não sabem que Mr. Welles está em Londres?*

★ *EM LONDRES contrairam matrimônio, por amor, (é bom dizê-lo) o bailarino Harold Nicholas e a notável atriz condessa Chvalkovice.*

★ *ESPERA-SE com ansiedade a estréia da última película da malograda Maria Montez. "O Ladrão de Veneza", êste é o título da produção, foi dirigida por John Bram, a sua ação desenrola-se na velha Itália dos duques e das aventuras cavalheirescas.*

★ *SEGUNDO Jeanne Requeville, Rodolfo Valentino, deixou um guarda-roupa que aos preços atuais valem uma fortuna. Havia em seus armários, por ocasião de sua morte, nada menos de 1.000 pares de chinelos, 400 ternos, 300 gravatas, 50 pares de sapatos e 7 relógios de ouro.*

★ *PAULA WESSELY, será a protagonista de uma película focalizando a vida da Imperatriz Maria Thereza. A rodagem iniciar-se-á brevemente em Viena, Áustria.*

★ *LIDA BAAROVA é outra estrêla alemã em grande atividade. Após o cumprimento de seu contrato na Itália, o que se dará em breve, Lida embarcará para a Argentina onde trabalhará em uma produção de seu espôso Jan Kopecky.*

★ *CYD CHARISSE, foi convidada para interpretar uma cena, de apenas treze minutos, em "Singing in the rain", e segundo dizem os entendidos, saiu-se às mil maravilhas.*

★ *ALCANÇOU clamoroso êxito a apresentação no México de "Paraiso Roubado", cujos intérpretes são Irasema Dilian (uma brasileira que alcançou um lugar de bastante destaque no cinema italiano) e Arturo de Cordova.*

★ *CARLOS FERRARI será o intérprete de "Naples au Daiser du feu", inspirada num dos maiores êxitos de Tino Rossi. Ferrari disse que fará um Tino Rossi, com muito mais voz.*



«EUROPA 51», nos trará a famosa e simpática Ingrid Bergman, de volta ao cinema. Ainda desta vez ela trabalha sob a direção de seu marido, Roberto Rosselini. O filme, cuja maior parte se desenrola na capital italiana, está sendo rodado ali mesmo, nos principais locais da cidade.

Polly Bergen é a nova "estrelinha" da Paramount, que tem o principal papel em "WARPATH", technicolor dirigido por Byron Haskin. Polly é encantadora, tem cabelos castanhos e olhos verdes e está destinada a grandes papéis. Ela é a única mulher, rodeada por Edmond O'Brien, Dean Jagger, Forrest Tucker, Wallace Ford, etc.

John Payne, Dennis O'Keefe, Arleen Whelan, a linda Mary Beth Hughes, Peter Hanson e Mary Anderson, são os principais de "HiGH VENTURE", technicolor dirigido por Lewis R. Foster para a Paramount.

★

Kirk Douglas, que se revelou um intèrprete de indiscutível talento, em "O Invencível", e, principalmente em "A MONTANHA DOS 7 ABUTRES", virá em outro papel forte e expressivo em "INTOLERÂNCIA" (Detective Story), drama da Paramount, ao lado de Eleanor Parker, Cathy O'Donnell, William Bendix e George Macready.

★

A "estrêla" de "Êxtase", que surgiu recentemente em "Sansão e Dalila", virá agora, ao lado de Bob Hope em "MY FAVORITE SPY", da Paramount, com título provàvelmente de "A CIGANA ME ENGANOU!". Francis L. Sullivan, Arnold Moss e John Archer, estão no elenco.

★

Nos estúdios da Paramount, terminou-se recentemente a rodagem de "EXPRESSO DE PEKIM" (Peking Express), dirigido por William Dieterle com o seguinte elenco: Joseph Cotten, Corinne Calvet e Edmund Gwenn. E' interessante notar que Corinne tem o papel da aventureira francesa "Shangai Lily" que coube a Marlene na versão dirigida por Von Sternberg, "O Expresso de Shangai". Só que Corinne chama-se "Danielle"...

Marjorie Main revelou recentemente no cenário onde está sendo filmada a fita da Universal-International "Ma and Pa at the County Fair" (Ma e Pa na feira), que desde que ela e Percy Kilbride iniciaram a série de episódios da família "Kettle" faz dois anos, tem recebido suficiente mostras de artigos domésticos dos fabricantes desta clásse de aparelhos, como para surtir várias dezenas de casas.

Êstes presentes vêm sempre acompanhados de uma cortês carta pedindo que se utilizem visìvelmente nas comédias dos "Kettle". Desta forma os fabricantes obtêm a publicidade gratuita.

Marjorie que reparte seu tempo entre suas duas bem mobiliadas casas de Hollywood e Palmm Springs, seguiu a norma de dar os presentes aos seus amigos e vizinhos, o que lhe valeu o sobrenome de "Mamita Dadivosa".

Desde que começou a chuva de objeto para uso de casa, "Mamita Kettle" tem recebido geladeiras elétricas e de gás; máquinas automáticas para lavar janelas; mecanísmos para abrir e fechar portas, que funcionam apertando um botão; outros para os mesmos dias aplicáveis ás janelas, acionados por ar comprimido; reguladores para a calafetação que se mantém desde o braço do sofá, contrôles para a luz e acondicionamento do ar; oito diferentes máquinas de lavar os pratos e até uma que faz a cama automàticamente.

De tôda esta barafunda de coisas Marjorie conservou sòmente um secador elétrico para os cabelos e uma máquina de aquecer que funciona enquanto se dorme. Marjorie reservou esta com tôda a intenção para Percy Kilbride para quem a deu ao iniciar-se a rodagem de "Ma and Pa at the County Fair".

★

Para Abbott e Costello, sua última comédia da Universal-



«THE HALF BREED», tecnicolor da R.K.O. apresentará em uma de suas seqüências, êste grupo de alegres beldades, que são (da esquerda para a direita) Mary Menzies, Shirley Whitney, Betty Leonard, Marietta Elliot e Shelah Hackett, tôdas elas bastante bonitas e com muita vontade de triunfar.

International "Bruxaria" é uma fita de sete trajes.

"Assim é como nós a classificamos" afirmaram Bud e Lou, e "pela quantidade de roupas que usamos nelas".

A dupla cômica vestiu seis duplicatas dos trajes que usam nesta hilariante fita e calculam que nenhuma delas estará em condições de ser usada ao terminar a filmagem. Existem fundados temores de que fiquem feitos trapos ao terminar a filmagem pois seus possuidores têm que passar pelas seguintes peripécias: sustentar uma luta nas montanhas; abrir caminho através de teias de aranhas; arrastar-se no barro e ser perseguidos pelas galerias de uma mina abandonada.

"Nunca haviamos reduzido a farrapos tantos trajes numa mesma película", comentaram ambos os atores. "Na anterior que filmamos, "Abbott e Costello e o Homem Invisível" não pudemos destroçar mais que quatro; em "Abbott e Costello na Legião Estrangeira" foram seis e quando tivemos Frankestein por companheiro nos tocaram cinco".

★

Bondade Fatal (Kind Lady), que a Metro-Goldwyn-Mayer estreará pròximamente, mostrará juntos Ethel Barrymore e Maurice Evans. Trata-se de um "thriller", um filme emocionantissimo, feito com direção segura.

"I Can See You", "Dark is the Night", "We never talk much", "L'amour Toujours", "Paris", "Wonder Why", "There's Danger in your eyes, Cherie" e "My Little Nest of Heavenly Blue" são as melodias que nos fará ouvir o novo musical da Metro-Goldwyn-Mayer em Technicolor com Jane Powell: "Rica, Moça e Bonita" (Rich, Young and Pretty). Danielle Darrieux, Fernando Lamas e Wendell Corey estão no elenco dêsse gracioso filme dirigido por Norman Taurog e produzido por Joe Pasternak.

★

A Missão de São Fernando, um lugar histórico e autêntico, usado pelos estúdios da Universal-International para a película "Marca do Renegado" cujo tema se desenrola em Los Angeles em 1824, têve que submeter-se a uma completa maquilagem antes de ser fotografada pelas câmaras do Technicolor.

Um grupo de pintores foi trabalhar nas construções. Compuseram as rachaduras e retocaram as marcas deixadas alí pela fúria dos anos durante mais de um século. Quando terminaram, aquêle ambiente austero do edifício que tem atraido milhões de turistas de tôdas as partes do mundo, havia desaparecido.

"Tinhamos que fazê-lo", disse o diretor Hugo Fregonese. Nossa história se desenrola justamente quando a Missão terminou. Nessa época era nova e assim tem que aparecer na tela.

Não obstante, os padres do convento não gostaram muito. Os produtores da película se comprometeram de que, logo que termine a rodagem, o mesmo grupo de pintores voltará a tirar o material usado na restauração.

★

Iniciou-se a filmagem de INVITATION, emocionante drama estrelado por Van Johnson, Dorothy McGuire, Ruth Roman e Louis Calhern, sob a direção de Gottfried Reinhardt. Trata-se de uma produção de Lawrence Wingarten para a Metro-Goldwyn-Mayer, de um "script" de Paul Osborn.



«TWO TICKETS TO BROADWAY» ou seja «Vinho, Mulher e Música», um novo tecnicolor musical da Fox, apresenta em seu escore musical, inúmeras canções de sucesso, da famosa dupla Jule Syne-Leo Robin. Aqui estão Tony Martin e Janet Leigh, os astros do filme, quando ensaiavam «The closer you Are», uma das canções do filme.



JANE RUSSELL, cujo aparecimento no cinema em «The Outlaw», causou tantos e tão desencontrados comentários, vem dia a dia, mais se firmando como uma das estrêlas de futuro mais promissor. Atualmente Jane Russell, está terminando o seu trabalho ao lado de Victor Mature e Vincent Price em «The Las Vegas Story».

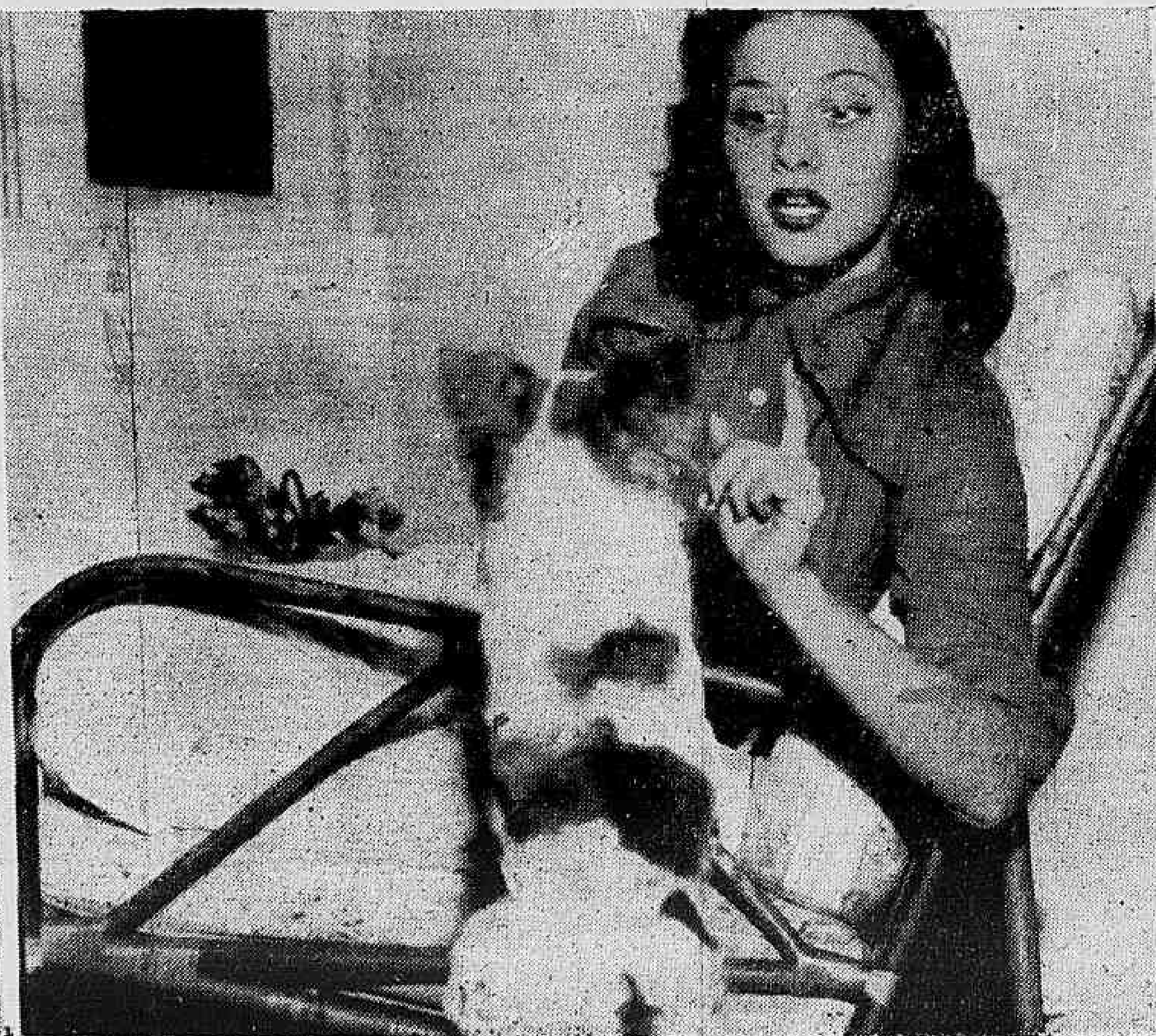


VICTOR MATURE, ainda está lembrado na memória dos fãs, como o forte Sansão, de «Sansão e Dalila». Agora Victor está novamente às voltas com as câmaras e desta vez ao lado de Jane Russell, uma das mais bonitas morenas de Hollywood, em «The Las Vegas Story». Na foto vemos Victor Mature quando distribuia inúmeros autógrafos.





Miro Cerni é um rapaz novo. Depois de sua noiva, é o cinema o que mais o entusiasma.



Ilka Soares declarou que, mesmo depois do casamento, não se separaria de seu cão de estimação.



Miro Cerni e Ilka[res e]
tos em «Modêlo [produ]

ILKA SOARES VAI CASAR

Reportagem de JORGE MIGUEL

O romance começou há muito tempo. Antes mesmo de Ilka Soares ingressar no cinema. Os dois moravam em Copacabana. Um dia encontraram-se na mais bela praia do mundo. Os olhos daquela encantadora morena, tostada de sol, esbelta, chamando a atenção pela sua estonteante beleza. Os olhares se cruzaram, traduzindo o nascimento de uma simpatia recíproca. Do primeiro olhar ao primeiro encontro, foi uma questão de horas. Na noite do mesmo dia, Miro e Ilka se avistavam, às escondidas, num lugar romântico à beira da praia de Copacabana. Trocaram as primeiras promessas e juras.

O tempo foi passando e aquêle amor se intensificou cada vez mais. Passeio pelos lugares pitorescos do Rio, subida da montanha, o primeiro beijo pertinho do céu, a convicção de que não poderiam mais viver, um sem o outro. E, finalmente, o pedido, o célebre pedido que deixa um nó na garganta de quem o formula.

Surgiu um obstáculo: o convite para Ilka Soares ingressar no cinema. A recusa seria a resposta natural de Ilka, se não fôsse a personalidade marcante e a mentalidade sadia de seu noivo. Miro não criou embaraços para a entrada de Ilka Soares no cinema. Veio "Iracema". Os trabalhos de filmagem transcorreram normais. Miro acompanhava sempre a sua noiva ao estúdio. Não por cuidado. Por amor, pura e simplesmente, por amor. Outros filmes se sucederam: "Echarpe de sêda", "Katucha" e "Maior que o ódio". Ilka e Miro sempre juntos. Cada vez mais amorosos, mais românticos.

Ilka Soares projetou-se nos meios cinematográficos. Atingiu um lugar destacado como artista. Alcançou grande popularidade. Como era natural, sua beleza perturbou milhares de admiradores. Recebia cartas de amor, propostas de casamento, declarações apaixonadas. Miro compreendia os percalços da popularidade.

Com as constantes visitas ao estúdio, Miro Cernigoi foi contaminado pelo micróbio do cinema. Sua figura loura, simpática, fotogênica era uma bela promessa de galã. Durante a realização de "Katucha", onde Ilka interpretava a protagonista, Miro conheceu Dusek, o produtor da película. Êste ficou bem impressionado com o tipo cinematográfico do rapaz. Prometeu-lhe um teste para a próxima fita. Miro encarou a promessa como uma deferência do produtor.

Qual não foi a sua surprêsa, quando recebeu o convite prometido. Era um teste para "O preço de um desejo". O teste aprovou e Miro foi incluido entre os principais elementos do filme. Era uma estréia auspiciosa que o deixou satisfeito.

Mas ainda não era tudo. Sua grande aspiração era trabalhar ao lado de sua noiva. Ser o seu galã, na vida e na tela. Ilka Soares desejava o mesmo. A oportunidade surgiu, agora, em São Paulo. Mário Civelli reuniu-os numa película intitulada "Modêlo 19", que está sendo rodado sob a direção de Armando Couto.

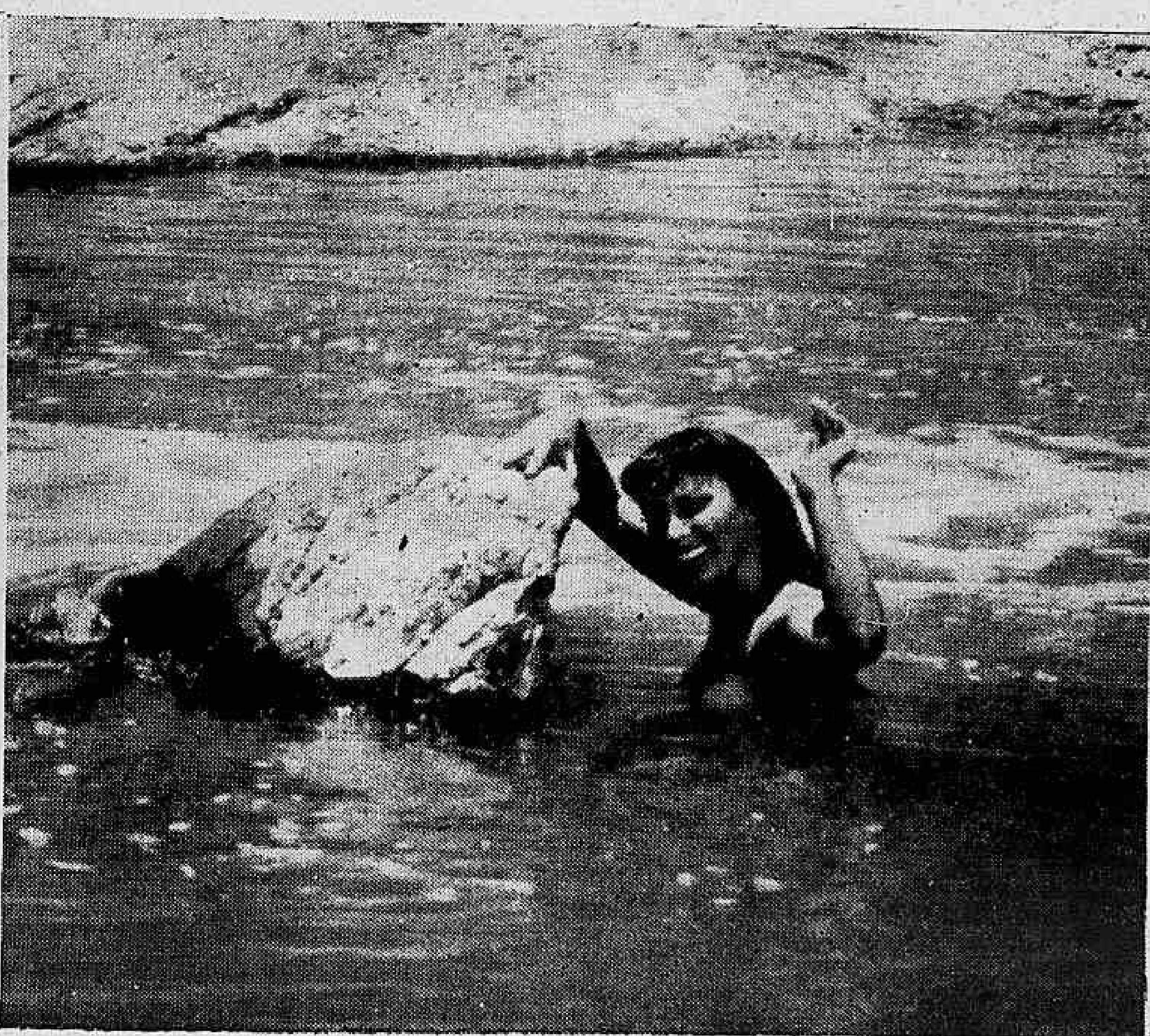
Ilka Soares e Miro Cerni (seu nome artístico), com êsse filme, concretizam uma parte de seus sonhos. A outra parte se realizará no dia de seu casamento.



Miro Cerni conheceu Ilka há algum tempo já. Êle confessa que foram os seus olhos azuis o que primeiro impressionou. Mas quando êle abriu os seus próprios olhos — já estava apaixonado...



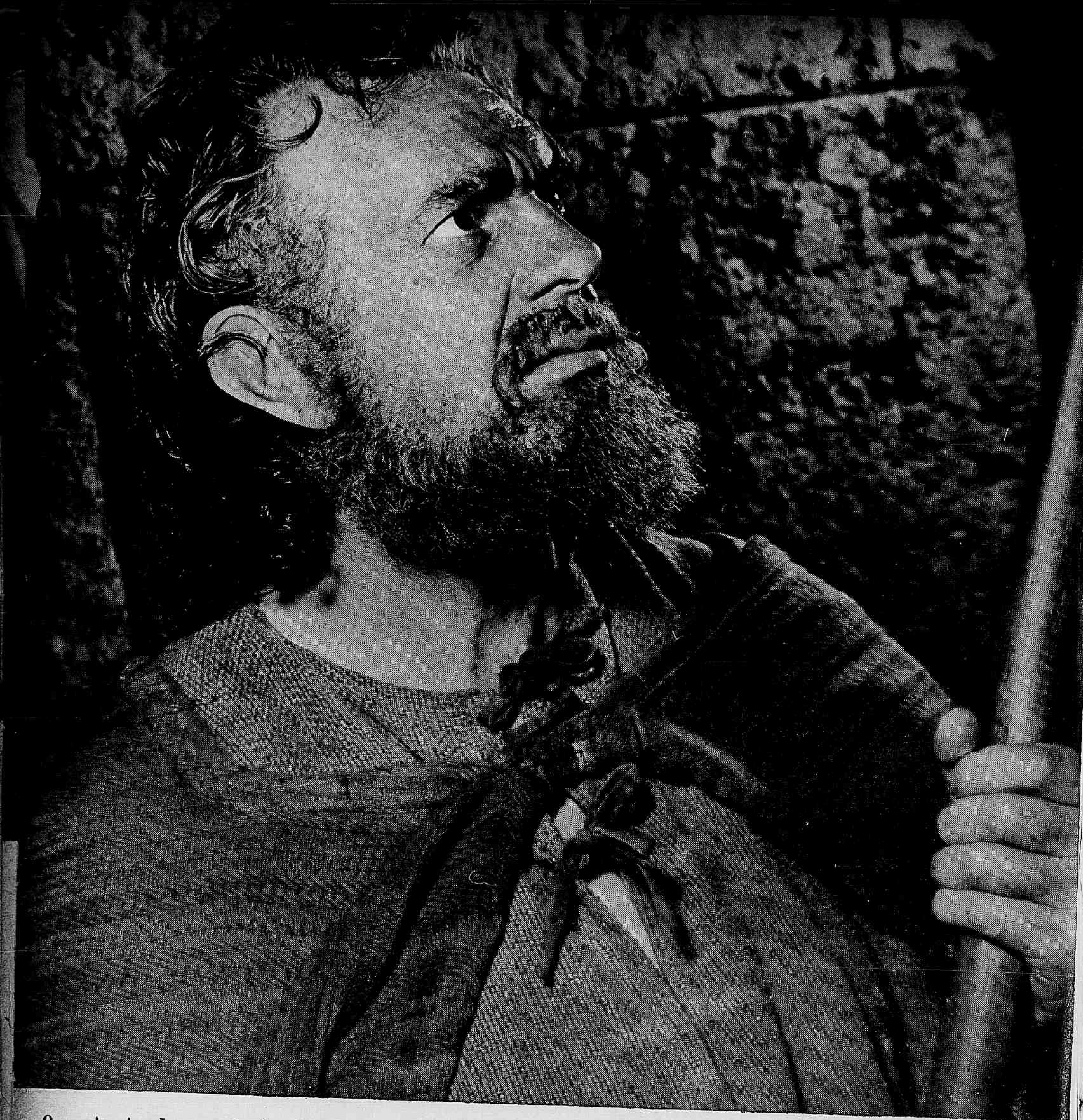
**...res estão trabalhando jun-
...produção de Mário Civelli.**



Ilka gosta muito de praia. Terminando seu filme em S. Paulo voltará a banhar-se no Arpoador.



Jovem bonita e talentosa, Ilka tem lugar garantido entre as estrêlas do futuro cinema nacional.



O principal papel de Raymond Massey desde o seu trabalho como "Abe Lincoln"

RAYMOND MASSEY, o artista canadense de teatro e cinema, cuja caracterização como Abraão Lincoln se tornou uma americana instituição, considera o seu papel de Nathan, o profeta, em "DAVID E BETSABÁ", o romance bíblico em tecnicolor, estrelado por Gregory Peck e Susan Hayward, sua mais extraordinária caracterização dêstes últimos dez anos.

Isso não quer dizer que Massey não tenha aparecido em importantes papéis durante êsse período. O que aconteceu, foi que, como o profeta de Deus, de longas barbas, e que pune o rei David por pecar com Betsabá, pecado êsse que traz a famina e o desespêro à inteira população de Israel, Massey sentiu-se penetrar intensamente nessa personalidade, de uma maneira sòmente comparável ao seu papel de Abraão Lincoln, que mereceu o prêmio Robert Sherwood Pulitzer.

Pessoalmente escolhido pelo produtor Darryl F. Zanuck,

(Cont. na pág. 26)

DA ITÁLIA PARA O MUNDO

DEPOIS de atravessar um longo período de estagnação no cenário cinematográfico, quando aparecera, antes da primeira grande guerra, como produtora das mais respeitadas, tendo apresentado artistas célebres como Lyda Borelli, Leda Gish, Emílio Chione, Pina Menichelli, Alberto Collo, Francesca Bertini, Bartholomeu Pagano, Itália Almirante Manzini, Gustavo Serena e muitos outros, voltou a Itália a ocupar lugar destacado nessa apreciadíssima atividade artística e modalidade comercial de lucros certos e polpudos. Essa reconquista de prestígio veio a acontecer depois da segunda grande guerra.

Mesmo diante da terrível depressão da guerra, depois da Itália ter combatido nos dois campos adversários, vendo-se e sentindo-se diminuida em todos os sentidos, o ambiente cinematográfico se desenvolveu de maneira auspiciosa. Sem meios, os realizadores conseguiram descobrir novo veio, vindo filmar as multidões e todos os seus graves problemas e sérias angústias provocados pela guerra.

O cinema italiano recomeçou com um mínimo de aparelhamento técnico e um máximo de competência artística. E conseguiu ultrapassar qualquer previsão. Foram grandes as conquistas, que continuam a ser registradas. No terreno artístico, real o aproveitamento, predispondo os produtores e diretores à valorização dos seus trabalhos.

Já em 1945 a Itália realizava grandes filmes, surpreendendo todo o mundo. A produção dêstes sete anos se caracteriza pelo alto valor de algumas películas e pela variedade dos temas. Pode-se afirmar, sem elaborar em exagêro e em êrro, que o cinema italiano provou, durante êstes anos, um domínio quase absoluto de suas possibilidades técnicas e artísticas. Assim, verificando-se os acontecimentos, nota-se que ao declínio dos cinemas russo e norte-americano correspondeu o renascimento do cinema inglês, a inteligência do cinema francês e a vitalidade inesperada do cinema italiano.

O reaparecimento do cinema italiano em grande evidência se deve, em sua maior parte, ao sentido realista dado pelos diretores aos seus filmes, numa atmosfera artística de qualidade, o que fêz com que os cronistas cinematográficos mais apressados em emprestar uma classificação para o novo movimento viessem a denominá-lo de "neorealista".

O êxito dessa nova escola revelou diretores e artistas de grande capacidade, logo nomeados com frequência no mundo inteiro. Hoje são reconhecidos como os de maior notoriedade, principalmente entre os diretores Luigi Zampa, Alberto Lattuada, Alessandro Blasseti, Vittorio de Sica, Luchino Visconti, Giuseppe De Santis e Roberto Rosselini, portadores de várias insígnias conquistadas em importantes festivais realizados na Europa.

O importante é que aparecem em conjunto a literatura de Luchino Visconti, o sentimento de Vittorio De Sica, o lirismo de Roberto Rosselini, a juventude de Giuseppe De Santis, a crônica de Luigi Zampa, a docilidade de Renato Castellani, a mistura de Alberto Lattuada, o documentário de Francesco de Robertis e a eloquência de Alessandro Blasseti.

Não importa dizer que o cinema italiano existia antes de 1945. Como não importa dizer que a sua produção de filmes, nos anos de 1941, 1942 e 1943, foi de, respectivamente, 90, 119 e 107. O que importa é dizer que em 1945 apareceram os grandes realizadores. Não são apenas diretores de hoje; são também diretores de amanhã e de depois de amanhã.

O mérito aparece, realmente, no trabalho dêsses diretores, cujo número de bons filmes apresentados cada ano faz com que se venha cercando de prestígio a cinematografia italiana. E isso vem acontecendo quando em Hollywood diretores do porte de Frank Capra, John Ford e King Vidor estão acusando o maior declínio.

E o cinema italiano continua a florescer, com a excelente e prometedora perspectiva de poder oferecer nos próximos anos novas projeções de qualidade. Recomendam os produtores e diretores da Itália a sua inquietude e a sua curiosidade. E, igualmente, sua orientação à base de um sentido profundamente artístico e humano. E' particularidade que concorre enormemente para destacar e valorizar o cinema que nos últimos anos proporcionou espetáculos de especial sensação a verdadeira beleza, como "Roma, Cidade Aberta", "Viver em Paz", "Um dia na vida", "Obsessão", "Paisá", "Trágica perseguição", e ainda recentemente "Siuscia", "Céu sôbre o pântano" e "Ladrões de bicicletas". Nessas produções, como em outras exibidas, saidas dos mesmos estúdios ao ar livre da Itália, na realidade apresentada estão reunidos a beleza e o sentimento.

Assim prestigiado, olhado com simpatia e admiração, repousa o cinema italiano no valor do trabalho desenvolvido por diretores que procuram sempre superar os êxitos já conseguidos. E na esteira dos mestres que já se revelaram, diretores novos estão surgindo, para engrandecer ainda mais, com sua atividade e cinematografia que conta com artistas famosos nos nossos dias, como Aldo Fabrizi, êsse imenso e soberbo intérprete, Clara Calamai, Anna Magnani, Vittorio Gassmann, Carla Del Poggio, Gino Cervi, Amedeo Nazzari, Massimo Girotti e muitos mais.

Em 1950 os cinemas de nossa cidade apresentaram 63 produções realizadas na Europa, e mais da metade foi de filmes italianos, no número de 35. Êste ano os nossos cinemas já exibiram 23 películas italianas e, já a esta altura, com apenas mês e meio para o final da temporada, quer-nos parecer que o total fique bem aquém do registrado em 1950. Muito em breve assistiremos aos filmes "Os Noivos", extraido da célebre obra de Alessandro Manzoni, dirigido por Mário Camerini, "Coroa de ferro", dirigido por Alessandro Blasetti, "Sem piedade", dirigido por Alberto Lattuada, e "O Mulato", dirigido por Francesco de Robertis.

Para a próxima temporada a ser apresentada entre nós há a destacar as seguintes produções, tôdas muito bem recebidas pela crítica do velho mundo, que lhes teceu comentários os mais favoráveis, reconhecendo-lhes esplêndidos valores em todos os aspectos: "Il Lupo della Sila", dirigida por Duilio Coletti, com Amedeo Nazzari, Vittorio Gassmann e Silvana Mangano; "Il Christo proibito", dirigido por Curzio Malaparte, com Raf Vallone e Elena Varzi; "Miracolo e Milano", dirigido por Vittorio de Sica, com Emma Gramática. Francesco Galisano e Paolo Stoppa, realização que mereceu o Grande Prêmio do Festival de Cannes de 1951 e o Grande Prêmio da crítica internacional de 1951; "Domani é troppo tardi", dirigido por Leonide Moguy, com Ana-Maria Pierangeli, Gino Leurini e Vittorio de Sica, realização que conquistou o Primeiro Prêmio no Festival de 1951 em Punta del Este, no Uruguai; "Napoli Milionária", dirigida por Eduardo Del Filippo, que é também seu intérprete, com a atriz Leda Glória; "Anni difficili", dirigida por Luigi Zampa, com Umberto Spadaro e Massimo Girotti; "Ho Sognato il Paradiso", dirigida por Giorgio Pastina, com Vittorio Gassmann e Geraldine Brooks; "Il briganti Musolino", dirigida por Mário Camerini, com Amedeo Nazzari e Silvana Mangano; "Francesco, giullare di Dio", sôbre a vida de Francisco de Assis, dirigida por Roberto Rossellini; e "Il Cammino della Speranza", dirigida por Pietro Germi, com Raf Vallone e Elena Varzi, realização que obteve o Prêmio Roma de 1951 e também a mais alta láurea cinematográfica que é conferida a um filme, o Prêmio David O. Zelznick de 1951 (o laurel de ouro). Tôdas essas produções são obras de superior qualidade não só sob o ponto de vista artístico, senão também humano e social.

País onde as artes sempre encontraram estradas livres, a Itália não se desfaz do seu grande e glorioso passado de cultura e de beleza, e através do seu cinema comunica-se social, artística e humanamente com o mundo.

NEY GUIMARÃES — São Paulo

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicaçao local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00





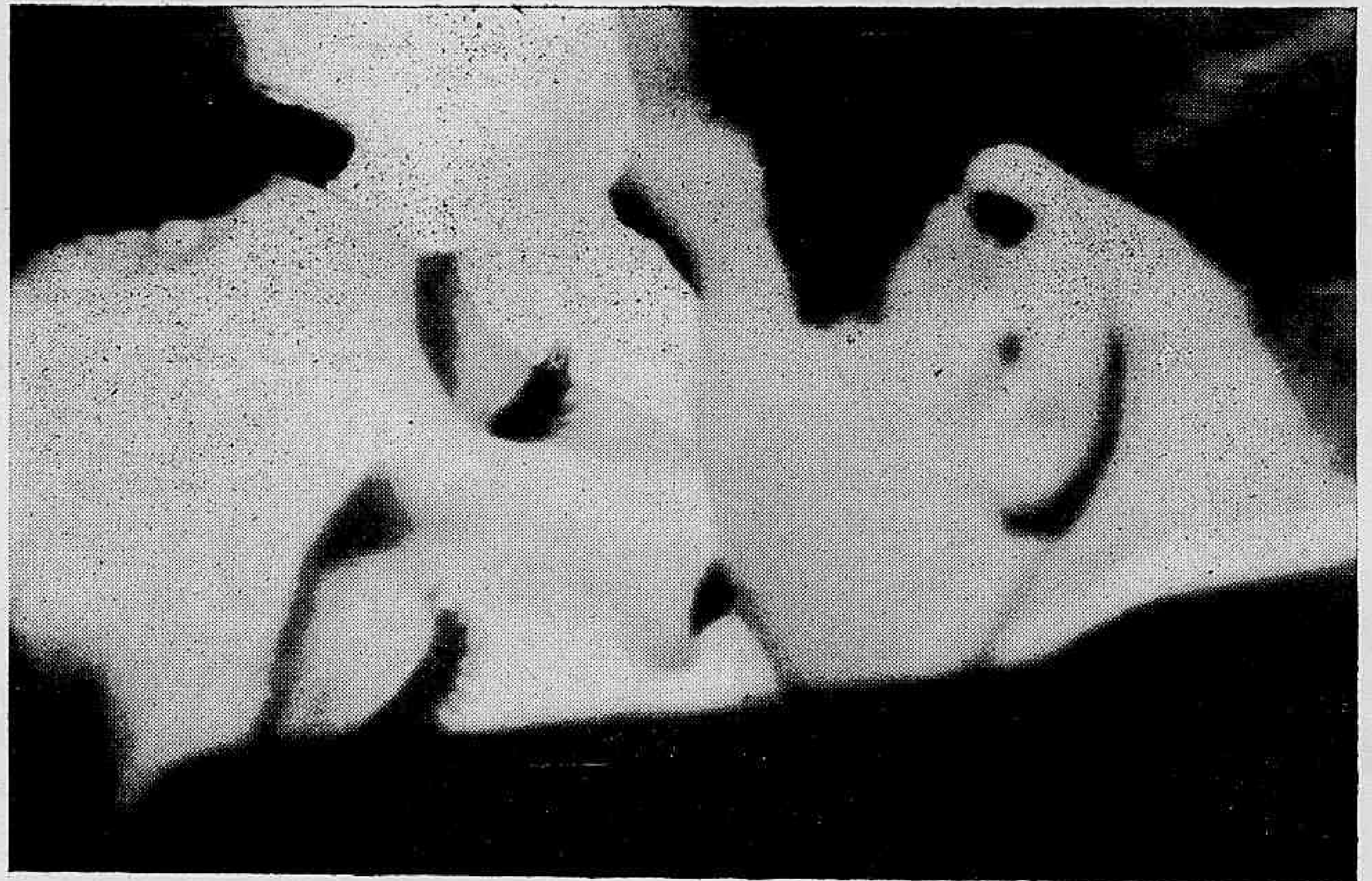
QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.



George (Monty Clift) olha Angela nos olhos. Paixão. Ternura. Desejo, Paixão...



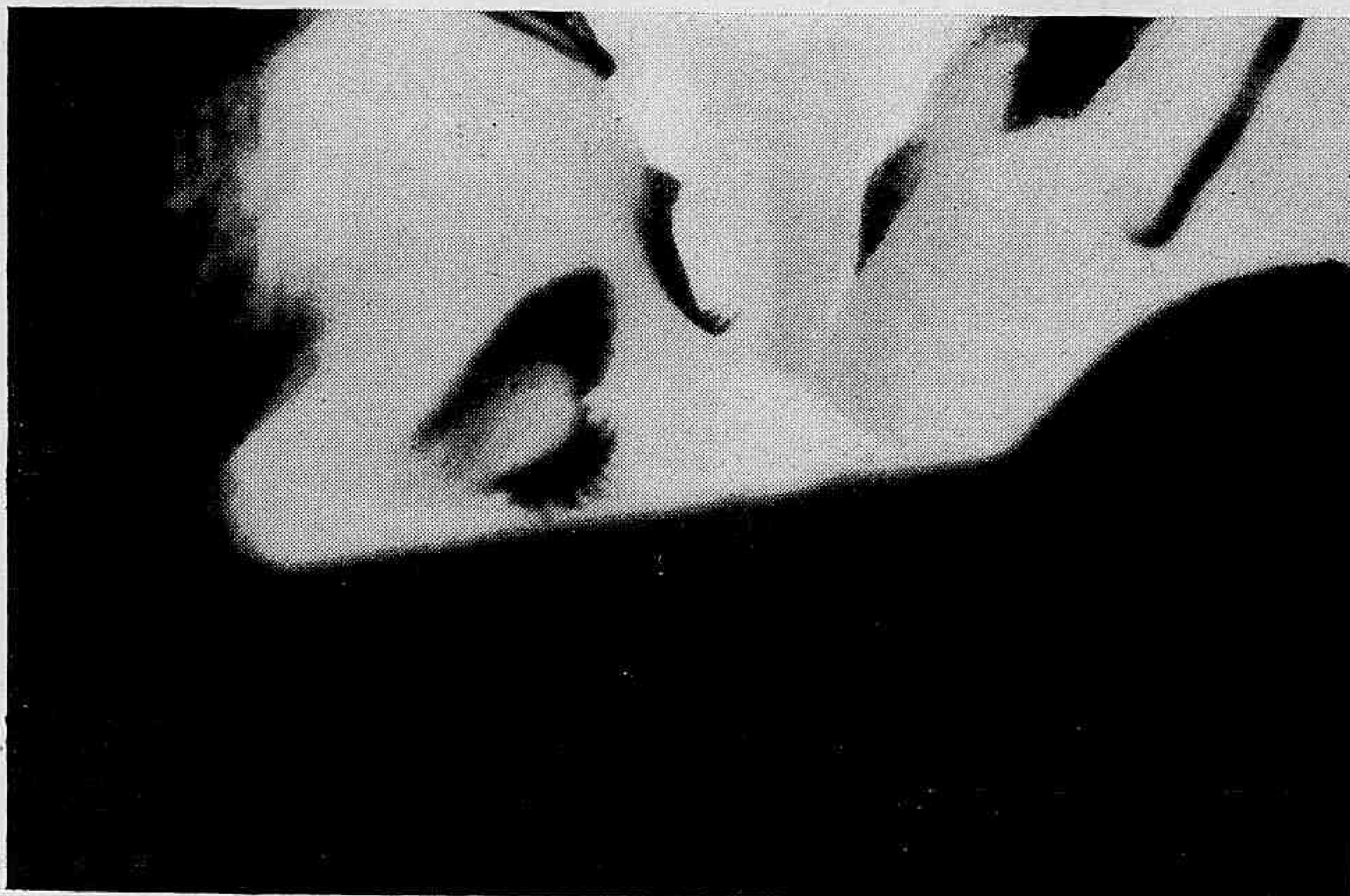
Ambos cerram as respectivas pálpebras e unem os lábios. Sonham. A emoção os domina.

O BEIJO E A

PRIMEIRO era o Hays Office. Agora é o Johnston Office. Ambos se preocupam com o beijo cinematográfico. Era preciso haver um freio, do contrário os produtores explorariam o gôsto do público. Uma película sem beijos, perde, em sabor para o público, em quase noventa por cento. Não basta o caso amoroso, a própria história; é preciso, antes de mais nada, que o mocinho beije a mocinha. Nem que seja no fim do filme, com o clássico "happy-end". Porque as platéias exigem o beijo, acham que só o beijo exprime o verdadeiro sentimento do amor. Assim, dar azas aos produtores para que explorem o beijo, dariam margem, certamenae, a muitos aventureiros que não hesitariam em fazer filmes exclusivamente de beijos, alguns dos quais se prolongariam do princípio ao fim do celulóide... Ficou limitado, portanto, que o beijo duraria 16 se-



Por sua vez, Ângela (Liz Taylor) corresponde com o brilho de seus lindos olhos azuis...



Mergulam no mais absoluto êxtase, obedecendo apenas ao impulso de uma fôrça superior: amor!...

CENSURA

gundos, no máximo. Dentro dêsse intervalo, os diretores saberiam dar um jeito de mostrar seu talento, sua experiência, sua capacidade artística. Temos visto beijos de dois e três segundos que são verdadeiras obras primas de cinema, ao passo que muitos que chegam ao limite máximo não passa de uma sem-vergonhice, sem nenhum sabor artístico. Mas não é isto o que acontece com Montgomery Clift e Elizabeth Taylor em "Um lugar ao Sol" (filme considerado entre os melhores do ano pelos críticos norte-americanos). Apesar de ter sua duração máxima de 16 segundos, o diretor George Stevens soube tirar o máximo proveito em cada segundo, tornando-se entre os mais famosos beijos do cinema de todos os tempos. Vejam as fotos e confirmem. E' algo, realmente, sensacional. (Fotos Paramount).








MacDonal
Carey
(Paramount)

PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

PROBLEMAS DO AMOR

JOVEM estudante de direito, 25 anos, 1,70, 65 quilos, moreno, cabelos e olhos castanhos escuros. Trabalha como funcionário municipal e cursa a 4.ª série jurídica. De uns tempos a esta parte concilia mal o sono e anda sem apetite. Infância regular, passada numa fazenda. Segunda infância e adolescência num Colégio em São Paulo, ausente da família. Gosta duma pequena de 20 anos e é correspondido.

— Não sei, de fato, se amo H., doutor. Acho, todavia que isto está me perturbando a calma e refletindo sôbre os meus estudos. Amor... Amor... Marco Aurélio dizia que o amor é uma pequena convulsão...

— Se o amor fôsse uma pequena convulsão, o homem não se elevaria acima do bruto; mas êle deve a sua superioridade ao poder moral do amor; e isto é tanto verdade que por tôda a parte que desconhece êsse poder, desvanece-se a sua superioridade.

E' porque então o homem se despreza, em uma parte de si mesmo; é porque se avilta na mulher; é porque se mutila em metade de sua alma, e tôda a mutilação o desmoraliza. E' como conhecerá êle a virtude, se mancha o seu guia mais ardente e mais amável? Quem lhe ensinará as graças da inocência, as dedicações de coração, e êsses transportes piedosos para o céu que são a vida do amor? Quem ama, realmente, despreza a ambição, como despreza a riqueza... O que nos encanta no amor, não são os seus prazeres tão vivos, são as suas dedicações, seu pudor, a sua fidelidade: só vemos a sua parte sublime, só citamos as suas alegrias morais, e seus divinos transportes. Os nossos sonhos mais graciosos não o transportam nem ao palácio dos reis nem às festas voluptuosas do Oriente; mas a uma choupana.

Poesia, sonho, passadismo?

— Não, vida simples; sinceridade. Olhe você a vida de seus pais. Esta é, talvez, a única verdade na terra. A natureza não nos engana, quando nos arranca a êstes pressentimentos da verdade, para nos mergulhar vivos na triste realidade dos seus vícios e enganos.

O amor é uma chama, que arde no céu, è cujos brandos reflexos radiam até nós. E' pelo amor que suplicamos o nosso ser.

Você não sofre porque ama, meu caro. Você está intranquilo por causas diversas. Procure examinar melhor o seu caso da repartição. Volte, com um relatório mais claro. Não é preciso escrever muito, mas situar melhor os problemas.

F I M

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:

Dr. LUÍS FRAGA

Redação de A CENA

Rua Visconde Maranguape, 15

Seção "Problemas Humanos"

Rio de Janeiro

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

AS 8 VÍTIMAS

(Cont. da pág. 13)

De regresso à sua casa, antes mesmo de tirar o chapéu e o casaco, Louis desenrola a árvore genealógica dos d'Ayscone, e risca com um lápis dos nomes dos já falecidos, corta a extremidade do pergaminho onde figuram os sobreviventes e os coloca detrás de uma aquarela que representa o Castelo de Chalfont, e coloca o quadro sôbre a chaminé.

CAPÍTULO IV

A mísera pensão da viúva Mazzini se extingue com ela, criando a Louis o árduo problema de manter-se com apenas vinte e cinco xilins semanais. Felizmente, os Hallward o convidam a viver com êles e êle aceita o salário de fome, não só porque encontra a mais fácil solução senão porque tem também a oportunidade de ver Sibella todos os dias.

— Louis! — lhe acorre esta, resplandescente. — A idéia foi minha!

— Eu sei. Trago algo para você — responde êle, entregando-lhe uma caixa de bonbons.

— Por que o fizeste? Além do mais, sabias que não mister trazer nenhum presente — reprova ela.

E ouvindo vozes na escada, acrescenta:

— Oh! que fastídio!... Aí está Lionel... Vêlo-ei na hora do jantar.

Sibella está comprometida com o tal Lionel, porém Louis a quer e sabe que a pequena lhe corresponde, de sorte que não desespera em suplantar o seu rival. Com efeito, esquece os seus propósitos de vingança, veste-se com tôda elegância que lhe permite seus parcos recursos e decide que se algo há de acontecer que aconteça, mas não em Clapham, senão em West End... Êsse objetivo êle realiza graças a sua boa aparência e excelentes modos... E ràpidamente ganha a "enorme" soma de duas libras por semana, vendendo... roupas de interior, para senhoras.

Certa noite de verão, os Hallward dão um baile durante o qual Sibella marca sua preferência por Louis, embora diante de seu futuro espôso, e quando todo mundo se retira, vai reunir-se com êle num salãozinho íntimo. A mocinha se estende num sofá, e suspira:

— Que noite! Graças a Deus que já terminou!

— A mim me pareceu muito divertida.

— A vós porque sois homem e por conseguinte não vos tocou suportar nem as pisadelas nem as piadas de duas dezenas de idiotas.

— Eu não lhe pisei, Sibella.

— Vós não sois idiota e o que dizeis me diverte.

— Agradecido.

Louis d'Ayscone Mazzini, lisonjeado por tanta benevolência, crê chegado o momento de declarar-se. Cai de joelhos ao lado da sereia, toma-lhe uma das mãos e diz, com voz trêmula:

— Sibella, quereis casar comigo?

— Quê? Ah! ah! ah! ah!... Claro que não, Louis. E por favor, levante-se, que embora com sangue italiano, me pareces ridículo com essa pose de Don Juan com vestimenta de latão!

(Cont. no próximo número)

O BARCO DAS ILUSÕES

(Cont. da pág. 7)

Parthenia objetou com energia, porém não vendo alternativa, senão fechar o teatro, concordou finalmente. Entretanto, sua presença fazia-se sentir até mesmo nos ensáios. Gaylord e Magnolia não se podiam falar, a não ser quando estivessem representando. Evitava que se beijassem no palco, e reduziu as cenas de beijos a simples apertos de mãos.

Isso foi uma terrível provação para os dois namorados, que outra coisa no mundo não queriam senão sentirem-se um nos braços do outro. Mas a figura de Parthenia surgia sempre, em tôda parte, austeramente evitando qualquer intimidade entre sua bela e talentosa filha e o homem de quem tanto suspeitava.

Os prognósticos do Capitão Andy tornaram-se realidade. Magnolia Hawks e Gaylord Ravenal grangearam fama imediata. A beleza imaculada e o doce sorriso da jovem conquistaram a todos. As maneiras galantes de Gaylord produziam efeito impressionante à luz das gambiarras. Dentro de pouco tempo eram as figuras principais do teatro-flutuante, e sua reputação se espalhou por tôda a redondeza. Os negócios para gáudio do Capitão Andy iam de vento em pôpa. Sucesso absoluto, lotações esgotadas em tôdas as cidades. Até mesmo Parthenia teve de concordar que o julgamento que seu marido fizera de Gaylord e Magnolia fôra acertado. Todavia, isso não veio alterar o conceito particular que fazia do jogador improvisado em ator, nem descuidar de sua vigilância um segundo sequer.

Mas os namorados precisavam encontrar-se, e portanto arranjavam meios para isso. Aparentemente pareciam submeter-se às exigências de Parthenia. Certa vez, durante um espetáculo, com a ajuda de Ellie, Parthenia foi perturbada por alguém em seu camarote, desviando-se assim sua atenção do palco. Magnolia e Gaylord aproveitaram a oportunidade e se beijaram, aos olhos assombrados da platéia, e para o deleite dos outros intérpretes e do Capitão Hawks.

Porém tôdas as noites, quando o Cotton Blossom se achava silencioso sôbre o rio, e todos dormindo, encontravam-se na coberta. Aí, temerosos de Parthenia, cochichavam, e seguravam-se as mãos, e faziam planos para o dia quando não precisariam recorrer a subterfúgios.

Claro, o dia surgiu finalmente. A astuta e desconfiada Parthenia poderia ser enganada, mas não por muito tempo. Certa noite acordou o Capitão Andy, levou-o até à coberta e apanhou os namorados em flagrante.

— Que significa isto? — gritou ela.

— Mamãe, eu e Gay nos amamos — protestou Magnolia.

— Afaste-se deste barco, Sr. Ravenal — ordenou Parthenia.

Com suas maneiras fidalgas, Gaylord falou:

— Cavalheiro, madame, peço-lhes a mão de Nolie em casamento.

— Você, um jogador desclassificado — rosnou Parthenia.

— Jogador, sim. Mas não desclassificado. Capitão Andy, o senhor sabe que Nolie nasceu para possuir tôda a felicidade do mundo. E' uma lástima vê-la estragar sua vida, encerrada neste barco. Amo-a e estou determinado em conseguir para ela tudo o que merece.

Parthenia escutou-o com desdém. Voltou-se para a filha.

— E você. Sente-se orgulhosa e feliz, almejando um futuro em companhia de tal indivíduo?

— Sim, Mamãe, sinto-me.

— Então é um futuro que nunca pretendo presenciar.

E com essas palavras, Parthenia voltou-se, afastando-se.
O Capitão Andy permaneceu no lugar.
— Seja feliz, querida. Amá-la-ei sempre, não importa o que aconteça.

Voltou-se para Gaylord.

— Filho, espero apenas que não seja numa noite de sábado, com uma manhã fria de segunda à frente.

E assim, a despeito das objeções de Parthenia e das dúvidas do Capitão Andy, Magnolia Hawks e Gaylord Ravenal contraíram núpcias. Deixaram o teatro flutuante e partiram para Chicago, cidade próspera, povoada de negociantes e jogadores.

Gaylord conseguiu levantar pequeno capital. A sorte que lhe conseguira a adorável Magnolia, não o estava abandonando agora. Dobrou seu dinheiro no pôquer, triplicou-o na roleta, e redobrou-o ainda mais em seu jôgo favorito, o faro.

O jovem e belo casal Ravenal mudou-se para um suntuoso apartamento na elegante Casa Sherman. A sorte de Gaylord prosseguiu. Deu a sua Magnolia roupas deslumbrantes, jóias e peles. Adquiriu dois vistosos cavalos castanhos.

A fortuna sorria-lhes e a vida era maravilhosa. Acordavam-se tarde todos os dias, passavam a tarde no parque ou fazendo compras, e depois, após a ceia, Gaylord partia, para suas mesas de jôgo, onde se demorava até ao romper da aurora. Às vêzes perdia, mas sempre saía ganhando. Cêdo pela manhã, voltava à Mansão Sherman e relatava à espôsa os acontecimentos da noite, antes de adormecer.

Aquêle fôra um Natal feliz para os Ravenal. Dentre os inúmeros presentes que trouxe para Magnolia contava-se o jôgo de colar e brincos, que valiam uma fortuna.

Mas, finalmente, embora parecesse que nunca isso pudesse de novo acontecer, a sorte de Gaylord mudou. Começou a perder. Não mais pôde predizer a carta que ia virar, nem a face do dado que ficaria em cima. Lentamente no início, e depois com enorme rapidez sua reserva monetária começou a dissolver-se. Diante de tal situação, prevista mais de uma vez por Parthenia, Magnolia tentou economizar. Porém Gaylord não se conformava em econo-

O PRINCIPAL PAPEL DE . . .

(Cont. da pág. 20)

dentre outros 12 candidatos, Massey é geralmente considerado como o ator dos atores. Sua voz autoritária, sua dominadora estatura, suas maneiras dignas são símbolo de sua fôrça, sem traços, porém, de pedantismo.

Êste distinto ator começou a representar durante a primeira guerra mundial quando, como um oficial do exército canadense em serviço com tropas de ocupação na Sibéria, êle organizou uma troupe para levantar o moral de seus entediados soldados. Quatro anos depois de ser dispensado do serviço e depois de uma longa série de representações, Massey começou a dirigir no "Every Man Theatre, London".

Depois de sua estréia americana em Hamlet, Massey voltou para a Inglaterra onde se manteve ativo no cinema inglês, aparecendo em filmes de grande sucesso, entre os quais: "The Scarlet Pimpinela" e "Drums". Mais tarde a sua fama levou-o a Hollywood onde êle aparece numa série de êxitos nos quais estão incluidos: "The Prisioner of Zenda", a versão para o cinema de seu memorável sucesso "Abe Lincoln in Illinois", "Arsenic and Old Lace", e agora "David e Betsabá", da 20th Century Fox.

ESTÁ À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE JANEIRO

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba Liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

mizar. O jôgo e a vida farta eram o seu credo, a que se mantinha fiel. O azar não passava de uma fase temporária. Sua sorte ia e vinha. Tudo o que era necessário era paciência e capacidade para enfrentar o mundo quando estivesse perdendo, exatamente da mesma maneira como o fazia, quando era o vencedor.

Mas com o correr do tempo, foi obrigado a vender sua parelha de castanhos. E depois, verificaram que sua conta na Casa Sherman estava atrasada havia seis semanas. A gerência exigia pagamento imediato.

Magnolia apanhou suas jóias e ofereceu-as a Gaylord.

— Suponho que estejamos sendo muito dramáticos — disse ela — mas, afinal de contas, pertencem a você.

Gaylord riu.

— Muito dramáticos. Nolie — disse êle. E em seguida, com modos exagerados, relembrando seus dias no palco do Cotton Blossom, continuou: — "Deixai de dar a mim seus diamantes, Madame, e voltai para os braços de seu espôso".

— Escute-me, Gay — insistiu Magnolia.

— Não quero que você ande pedindo emprestado. Gay enlaçou-a ternamente nos braços.

— Você me ama!

— Claro, mas.

— Não quero suas jóias, minha querida. Não preciso delas. Sou um rapaz de sorte. Só possuí-la é prova bastante disso, não é? Hei de ganhar algumas coisa e tudo voltará como dantes. Você confia em mim?

Magnolia confiou nêle, mas a sorte do marido não mudou. Aquela noite seu vale de 8.700 dólares foi apresentado e o pagamento imediato do mesmo exigido.

— Voltarei dentro de meia hora com o dinheiro — foi sua resposta.

Sua palavra foi cumprida, e com ela as jóias de Magnolia. E então, não ficou dinheiro para a Casa Sherman. Tiveram que sair sorrateiramente do hotel, à noite, para evitar que fôssem vistos pelo porteiro e vigias.

Encontraram alojamento numa pensão para artistas. Era uma tremenda diferença do hotel Sherman. Gaylord continuou jogando, semgpre encontrava dinheiro suficiente para tal, embora tivesse que empenhar até a bengala, símbolo de sua boa sorte. E durante um longo ano, sua sorte não mudou.

Quando a estação do Natal voltou, estavam êles morando num quarto alugado.

Era cedo pela manhã e Magnolia estava tomando café quando Gaylord regressou de uma jogatina.

— Café. Eis uma boa aposta — disse êle.

— Como foram as outras? As outras apostas. As de ôntem e de ante-ontem?

— Você tem uma bola de cristal, querida? Minha sorte tem sido mesquinha, Nolie, mas esta noite quase que acerto. Não há dúvida que perdi mesmo minha sorte.

— Não, Gay não perdeu. E' uma coisa que nunca perderá. Quando você fala de sua sorte, seus olhos se iluminam. Não sou capaz de fazê-los brilhar assim. Estou vencida, Gay, e eu bem o sei.

— Nolie, querida, — disse Gaylord, abraçando-a. — Olhe, amanhã é Natal, e ainda me resta qualquer coisa. Poderiamos sair e...

— Amanhã não é Natal — respondeu ela friamente. — Não, não é. E' justamente o que papai disse. Vai ser uma manhã fria de segunda-feira.

— Nolie!

— Você é um homem fraco, Gay, fraco, fraco, fraco!

— Para mim chega, Nolie — disse êle, e voltou-se, afastando-se do quarto.

Magnolia ficou calada e imóvel por um momento. Não pretendera dizer tudo o que dissera, porém a solidão, mais que a pobreza do ano que se extinguia, havia-a vencido. Ainda amava a Gay, e agora que êle se afastara do quarto, lastimava as palavras que proferira. Tentaria tornar aquêle Natal um Natal feliz.

Voltou-se para o guarda-vestido, de onde retirou seu casaco de pele, a única coisa que ainda possuia de valioso, dos presentes que lhe cumulara Gay quando a fortuna o estava favorecendo.

Serviria para alegrar um pouco o Natal.

(Continua no próximo número)

★

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

— **QUATRO** cavaletes com as respectivas caixas e corrediças de ferro.

— **MÁQUINA IMPRESSORA** — Marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escovas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnição de ferro.

— **GUILHOTINAS** — marca AUGUSTA, com 1 metro de bôca, formato 66x96 cms., com motor Westinghouse de 1-HP e contrôle elétrico autônomo.
— Marca MARRIL & SONS com 1 metro e 49 cms. de bôca, 2 metros e 38 cms. de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

— **CORTADOR** — Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

— **BANHEIRAS** — Quatro de pedra sabão para ácidos.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

A MORTE RONDA...

(Cont. da pág. 29)

êsse templo esboçar-se a seus pés, quando descobre o passado suspeito de sua espôsa, Eleanor Parker.

Tôda a tragédia de uma alma que agora está vazia, num conflito dantesco é tirada por William Wiler do rosto e do talento de Kirk.

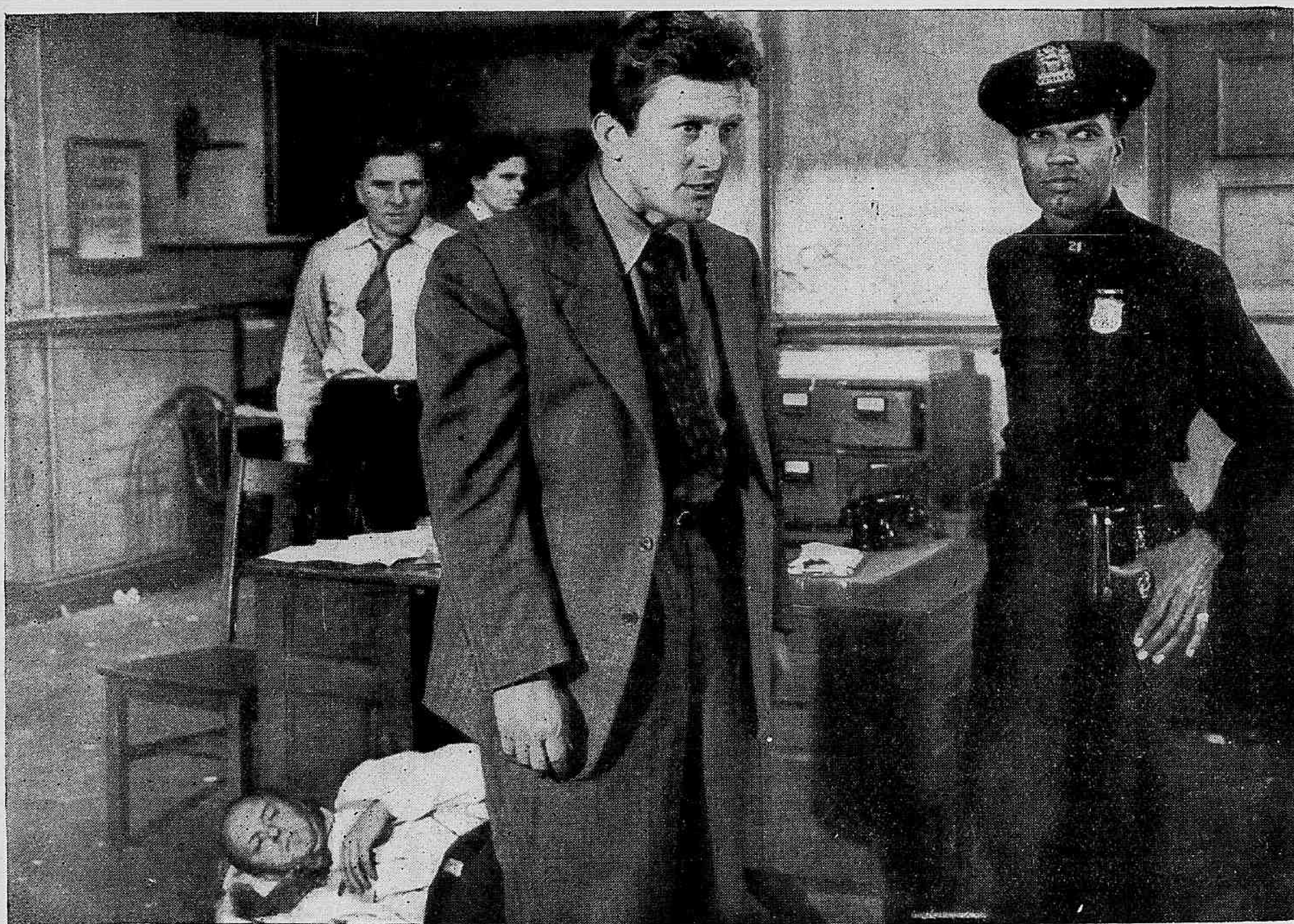
Uma das cenas mais impressionantes do filme é quando um assassino, retrato do homem que mata porque tem que matar, porque essa é a sua profissão encontra-se com o policial, exemplo da ordem e da justiça, mas que não mais crê nessa ordem e nessa justiça.

Noutras condições, qualquer outro pararia, mas Kirk está vendo naquele homem mois do que um criminoso, está se defrontando com a mentira e a sordidez do mundo e tenta esmagar nele tudo o que fêz perder sua espôsa.

Em "Chaga de Fogo", William Wiler chega ao pináculo de sua carreira, dando ao cinema um dos mais impressionantes documentos do que pode fazer um diretor de pulso, apenas armado com o talento.

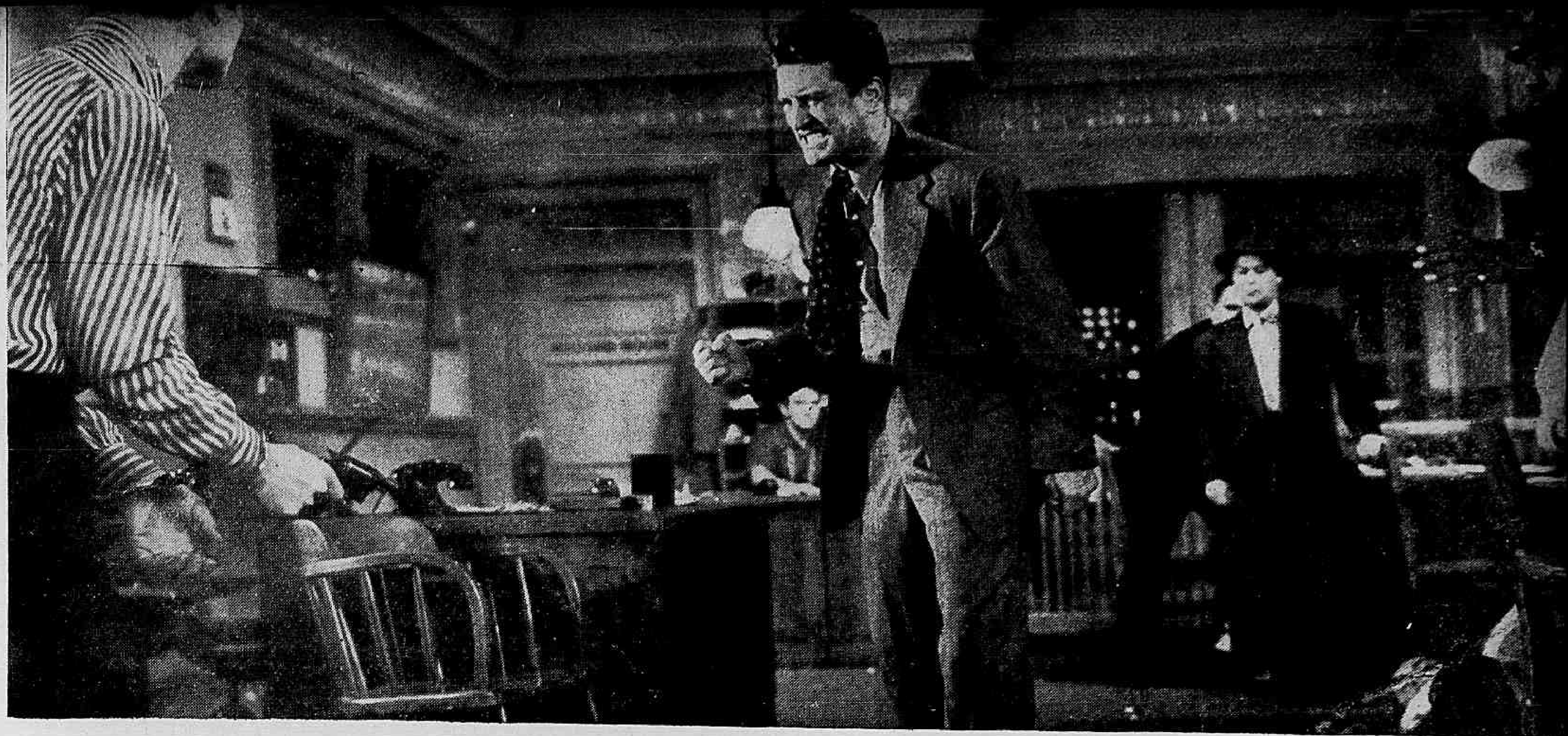


Joseph Wiseman, à esquerda, tenta fugir da chefatura de polícia, ameaçando a todos com o cano de uma arma.



Kirk Douglas, tenente de polícia, William Bendix e Russell Evans ficam tolhidos pela ameaça do bandido, que roubara o revolver de um dos detetives.

A MORTE RONDA UMA CHEFATURA DE POLÍCIA



Algo se passa então na mente de Kirk, mercê de seu desespêro contra o mundo e suas misérias. Êle avança desesperadamente.



Wiseman, desvairado, atiro nêle, numa das cenas culminantes do drama de William Wiler para a Paramount, «Chaga de Fogo».

TRAZENDO consigo uma bagagem considerável de bom cinema, o produtor William Willer teve certo dia a inspiração súbita para um novo filme. Sentou-se a uma mesa, reuniu o pessoal e deu a notícia sensacional ao mundo: William Wiler iria fazer uma película do modo mais difícil possível...

Quando se fala em fazer cinema, pensa-se logo nos recursos que êle pode oferecer, tais como fundo musical, jôgo de luzes, som, independência de tempo nas ações e etc...

Dêsses, talvez o mais imprescindível seja o da música funcional, que ampara o "script" e conduz o espectador à situação que permite o suspense e possibilita quase a metade do êxito de um filme.

Outro fator que coloca o cinema acima, em certos casos, do teatro, é a possibilidade de trazer a um retângulo de papel um temporal com todos os seus acessórios ou destruição de tôda uma cidade sem sair do estúdio. E' a liberdade de tempo e espaço, feiticeira senhora que fêz a grandeza da sétima arte.

Pois bem, William Wiler construiu um cenário de quatro quartos, limitou o tempo de ação para um dia, com todos os minutos contados, prescindiu da música funcional, escolheu os atores a dedo e disso tirou uma das obras primas da atualidade.

Chamou-a "Detective Story" (Chaga de Fogo, em português), amparando-a no talento de Kirk Douglas e Eleanor Parker, fazendo dos 105 minutos da projeção uma prova do que pode fazer uma equipe liderada por sua batuta.

A ação passa-se inteiramente nos quatro quartos de uma chefatura de polícia, onde personalidades diversas, retiradas com crua realidade da vida criminal de uma grande cidade se debatem em seus múltiplos problemas de consciência.

Kirk Douglas é um tenente da polícia, acostumado a lidar com tôda a espécie de criminosos, sempre amparado no sangue frio de um homem que fêz da profissão um sacerdócio, surdo a todos os lamentos que lhe chegam aos ouvidos, falsos uns, verdadeiros outros, e que sente

(Cont. na pág. 27)

Phyllis Calvert

(Paramount)

MELODIAS PARA VOCÊ

PARA O CARNAVAL DE 1952

BOEMIA

Samba de **Luís Soberano**
Gravação de **Zaira Rodrigues**

Até amanhã, baemia
Até amanhã quanta melancolia
Sinto ter que lhe deixar
Mas apesar de sua fã
Eu tenho que lhe dizer até amanhã
Vou me embora, vou me embora
Sinto saudade do lar
Amanhã a mesma hora
Prometo tornar a voltar
Guarde meu pandeiro
Meu tamborim, meu violão
Eu vou partir
Mas com pesar no coração.



ESTÁ P'RÁ MIM

Marcha dos **Irmãos Orlando**
Gravação de **Jack Tony**

O Carnaval no far-west
Está p'rá mim,
Eu vou brincar,
Levo pandeiro, cuica e tamborim
Eu vou, eu vou me acabar.

La na fazenda
No mês de feveiro
Eu vou formar
Um bloco de rancheiros
Eu vou na frente
Tocando violão
O meu sogro que é pançudo
Vai soprando bombardão.



O LÍRIO

Marcha de **Fernando Lobo e Manèzinho Araujo**
Gravação de **Araci de Almeida**

Côro

Iaia, cadê o lírio
O lirio que Ioiô lhe deu
Eu vou lhe contar um caso
Quebrou-se o vaso
E a flor morreu.

Solo

Assim como aconteceu
Na vida dessa flor
Comigo também se deu
A morte do meu grande amor.



MAMÃE DOLORES

Samba de **Joubert de Carvalho**
Gravação de **Sílvio Caldas**

I

Mamãe Dolores
Que me importa a tua cor
Se o que procuro
E' o que vem de teu amor
Se noite eterna
E' o teu corpo cansado
Dentro da noite
Lembra um céu estrelado.

II

Mamãe Dolores
Teu exemplo é sofrer
Deram lições
Do direito de nascer.
Mamãe Dolores
Se a noite é linda e calma,
E's no céu
A lua branca de minha alma.



SE EU FÔSSE A EVA

Maarcha de **Ismael Nett e**
Nestor de Holanda
Gravado por **Olivinha Carvalho**

Se eu fôsse a Eva
Eu teria juizo
Eu não perdia o Paraiso
Chutava a cobra com a sua traição
Pois não sou a Luz Del Fuego
P'rá gostar de cobra não.

Adão deu a costela
P'rá Eva sair dela
E como a Eva não foi perdoada
E' na costela que o Adão leva pancada.



PAPAI DAS COROAS

Marcha de **Bruno Gomes, Ivo Santos e**
Derossi Provenzano
Gravado por **Moreira da Silva**

I

Há quem diga que o «brotinho» é o tal
E uma «balzaqueana» é p'rá lá de boa
Mas eu que entendo do mistér
Em matéria de mulher
Eu prefiro uma «coroa».

II

Mulher de 40 anos
Sabe amar, quarenta vêzes mais...
Por isso à uma «coroa» não rejeito
Que é do côco velho
Que se tira bom azeite...

CARTAZ DO MOMENTO

MARCHA DO CABRITO

Marcha de Roberto Martins e Ary Monteiro — Gravação dos Anjos do Inferno.

I

Caramba que brôto bonito
De onde é que êsse brôto vem
Quem gosta de brôto é cabrito
E' cabrito e eu também.
(Bis)

II

Mé..., é, mé
Faz o cabrito
Quando vê um brotinho, que comer
E eu faço
Fiu, fiu,
Quando vejo um brotinho aparecer.



NOSSO AMOR

Samba de Zé e Zilda
Gravação de Emilinha Borba

I

Não, não precisa chorar
Nosso amor não morreu
Quando a saudade apertar
Eu volto p'rá lhe consolar

II

Te esquecer eu não
Não serei capaz
Quem sofreu dez anos
Pode sofrer mais.

A pedidos

MARIA CANDELÁRIA

Marcha de Klecius e Armando Cavalcanti
Gravação de Black-Out

Côro

Maria Candelária
E' alta funcionária
Saltou de pára-quedas
Caiu na Letra ó, ó, ó, ó, ó.
Começa meio dia
Coitada da Maria
Trabalha, trabalha
Trabalha de fazer dó
Ó, ó, ó, ó.

Solo

À uma vai ao dentista
Às duas vai ao café
Às três vai à modista
Às quatro assina o ponto
E dá no pé
Que grande vigarista que ela é.



O VERDADEIRO ALAN LADD

De FRANCESCA LAMARR

A história da vida de Alan Ladd pode bem ser comparada a de verdadeiros heróis de legenda. Senão vejamos.

Ao completar o seu curso secundário, o mundo atravessa uma época de depressão econômica. Alan tornou-se um jornalista de salário tão parco, que tentava vender reprigeradores, empregava-se como cavador de valas e acabou numa turma de trabalhadores de estúdio cinematográfico. Desde então, decidiu tornar-se um ator. Começou a estudar e a passar fome.

Depois de muitos anos de tentativas frustradas, foi contratado pela Paramount para trabalhar em "Alma Torturada" (This gun for Hire), em 1941, tornou-se um astro sensacional da noite para o dia e assim tem-se mantido até agora.

Seu último filme, ainda sem título para o Brasil, é "Thunder in the East" uma empolgante história desenrolada na Índia, e nela trabalham Deborah Kerr, Charles Boyer, Corinne Calvet e Cecil Kellaway, todos sob a competente direção de Charles Vidor.

Alan nasceu num dia 3 de setembro, em Hot Springs, Arkansas, onde seu pai era contador. Ao completar 8 anos, seus pais se transportaram para o Norte de Hollywood, Califórnia, e depois "foram residir no campo" em San Fernando Valley.

Na escola secundária que o jovem Ladd freqüentou em Hollywood do Norte, êle se distinguiu nos esportes, sendo campeão de corridas, tiro ao alvo e natação. Ainda é um brilhante nadador recordista, e em 1932 também foi campeão de mergulho. Antes de se graduar, deram-lhe o papel de Kôko, na representação escolar do "Mikado".

Naquele tempo, 1933, o estúdio da Universal andava "catando" estudantes com a intenção de treiná-los para o cinema. Alan conseguiu se insinuar num grupo dêsses, mas, infelizmente, nenhum dêles sobreviveu mais de quatro meses de treinamento, de modo que aquilo deu em nada.

Deixando, pois, a Universal, Ladd decidiu dedicar-se ao jornalismo como carreira, e arranjou um emprêgo de repórter no San Fernando Sun, onde também angariava anúncios, assinaturas, etc. Em pouco tempo era gerente do departamento de propaganda. Tornou-se então proprietário de um pequeno café, assim, quando a gerência do jornal passou para outras mãos, êle demitiu-se e concentrou tôdas as suas energias no seu pequeno estabelecimento. Procurava também vender máquinas registradoras e de calcular, mas isso sem grande sucesso.

Finalmente, encontrou um amigo que lhe disse que poderia arranjar-lhe um emprêgo no estúdio da Warner Brothers, para começar.

Ladd foi pôsto em uma turma encarregada de erigir andaimes para as luzes por cima e em tôrno do set. Mas nunca lhe foi possível arranjar uma ponta enquanto a companhia estêve filmando.

Porque era um mergulhador de grande altura, Alan tinha todos os trabalhos feitos no alto, de modo que trabalhava de noite fora de portas, com tôda a espécie de temperaturas, encarapitado lá por cima dos sets de som. Depois de dois anos, êle tinha esquecido seus sonhos e ambições de se tornar um ator. Ganhava muito bem e estava satisfeito. Porém, quatro circunstâncias viéram arrancá-lo a essa situação.

Primeiro, encontrou um antigo colega de classe que andava fazendo pontas no cinema. Disse a Alan que era uma coisa muito interessante e que tinha esperanças de se tornar um astro dentro em breve, além disso demonstrou-lhe que estava ganhando mais dinheiro do que Ladd para trabalhar em algo muito menos perigoso. O rapaz começou a pensar. Dois dias depois, um membro da turma com a qual Alan trabalhava, desabou de uma altura de 40 pés ficando muito machucado. Alan pensou ainda mais.

Uns dias depois disso, o próprio Alan caiu de um andaime de 20 pés de altura. Escapou ileso, mas isso ajudou-o em sua resolução. Demitiu-se imediatamente da Warners e registrou-se na Ben Bard School of Acting.

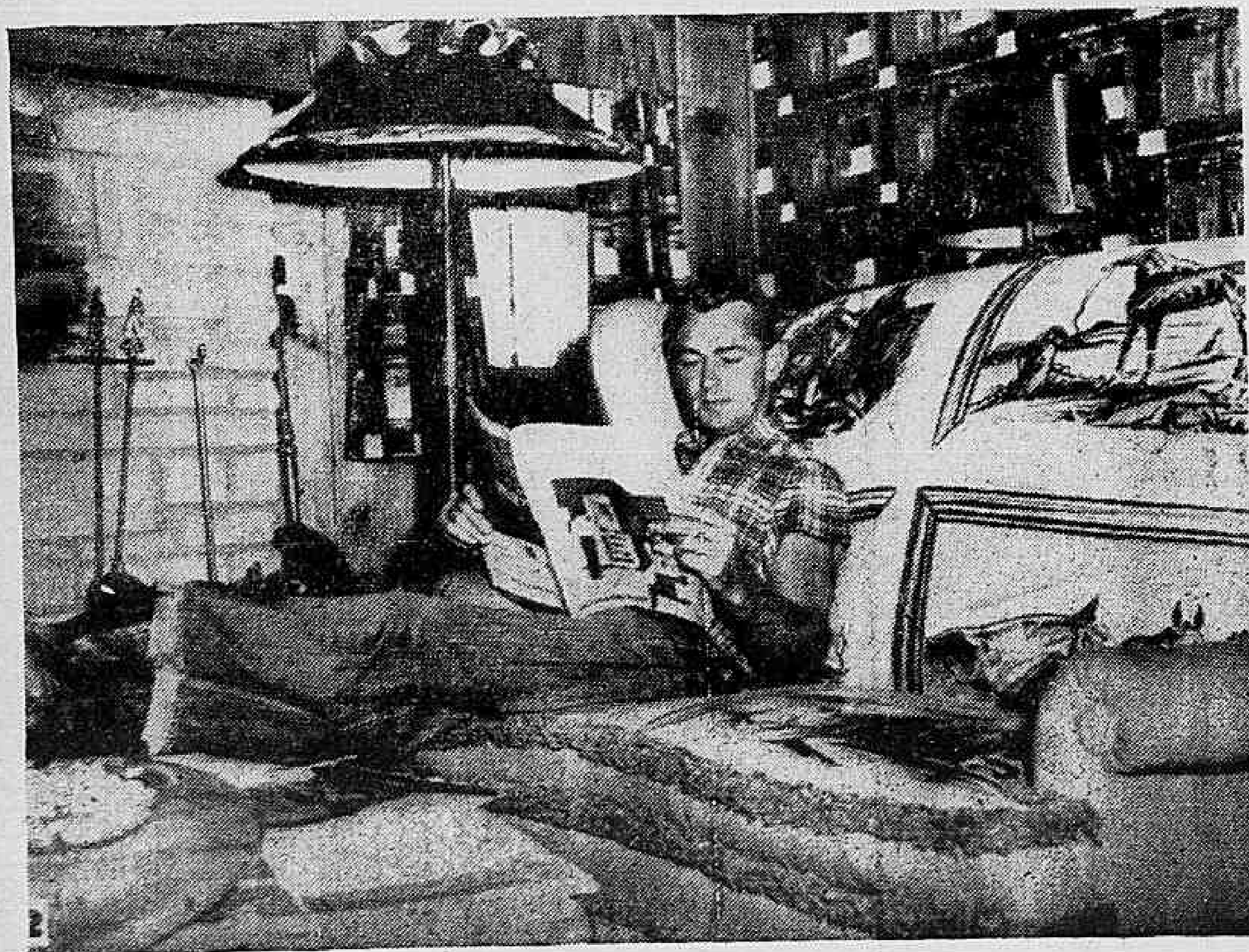
O dinheiro que êle havia economizado não durou para sempre, e depressa êle se viu ensaiando sòzinho no palco sem luz da escola porque não tinha dinheiro bastante para ir e voltar para as sessões noturnas. Comia broas e café com leite na hora do jantar, de modo que até hoje nem pode olhar para as tais broas.

Ao cabo de algum tempo, êle surgiu da escola dramática e passou a procurar uma ocasião para pôr em prática o que havia aprendido. Nada achou na tela ou no palco, mas conseguiu alguma coisa no rádio, o que não o impediu de passar fome. Um dos programas em que êle tomava parte, depois do sálario ser distribuido entre todos os seus participantes, rendia-lhe por semana exatamente 75 centavos.

Depois teve uma oportunidade na estação KFWB, em Los Angeles. Alí trabalhou por dois anos como o único ator permanente da transmissora. Tomava parte em 15 a 20 programas semanais, tendo tôda a sorte de papéis. A experiência que obteve foi preciosa e lhe permitiu aperfeiçoar a voz que já possuia boa. Chegou até a irradiar programas de notícias em substituição aos locutores.

Num dos programas, Alan interpretou um papel duplo de um homem de 60 anos e do filho. Sue Carrol, antiga "estrêla" de cinema e agente de Ladd, ouviu êsse programa, mandou chamar Alan e enquanto o esperava procurava adivinhar que idade êle teria. Ela nunca lamentou que fôsse um rapaz jovem aquêle que entrou pelo seu escritório a dentro.

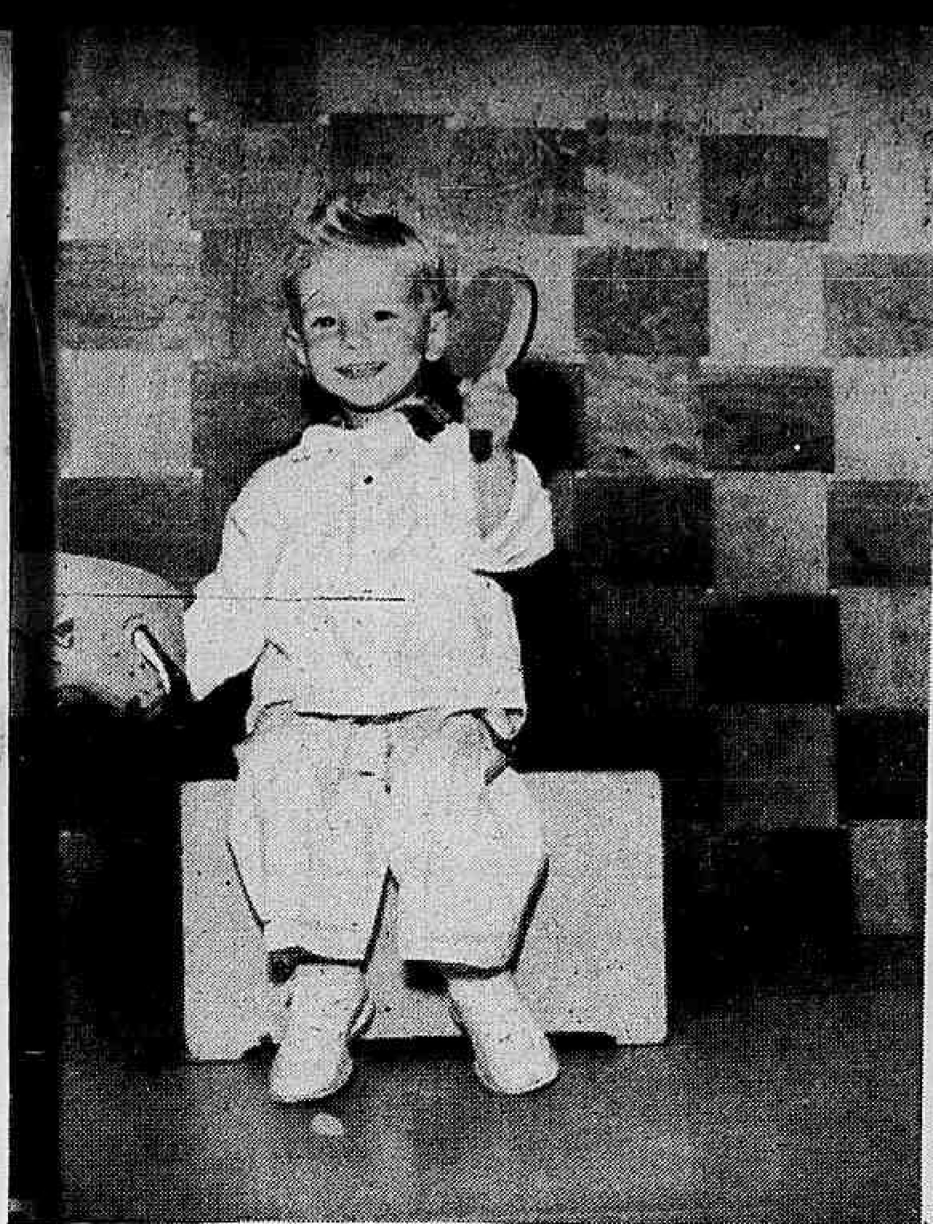
O resto faz parte da história de Hollywood, a espécie de história que se saboréia nessa cidade. Alan e Sue formaram um team perfeito desde o início, e juntos percorreram os estúdios durante dois anos



No salão de leitura



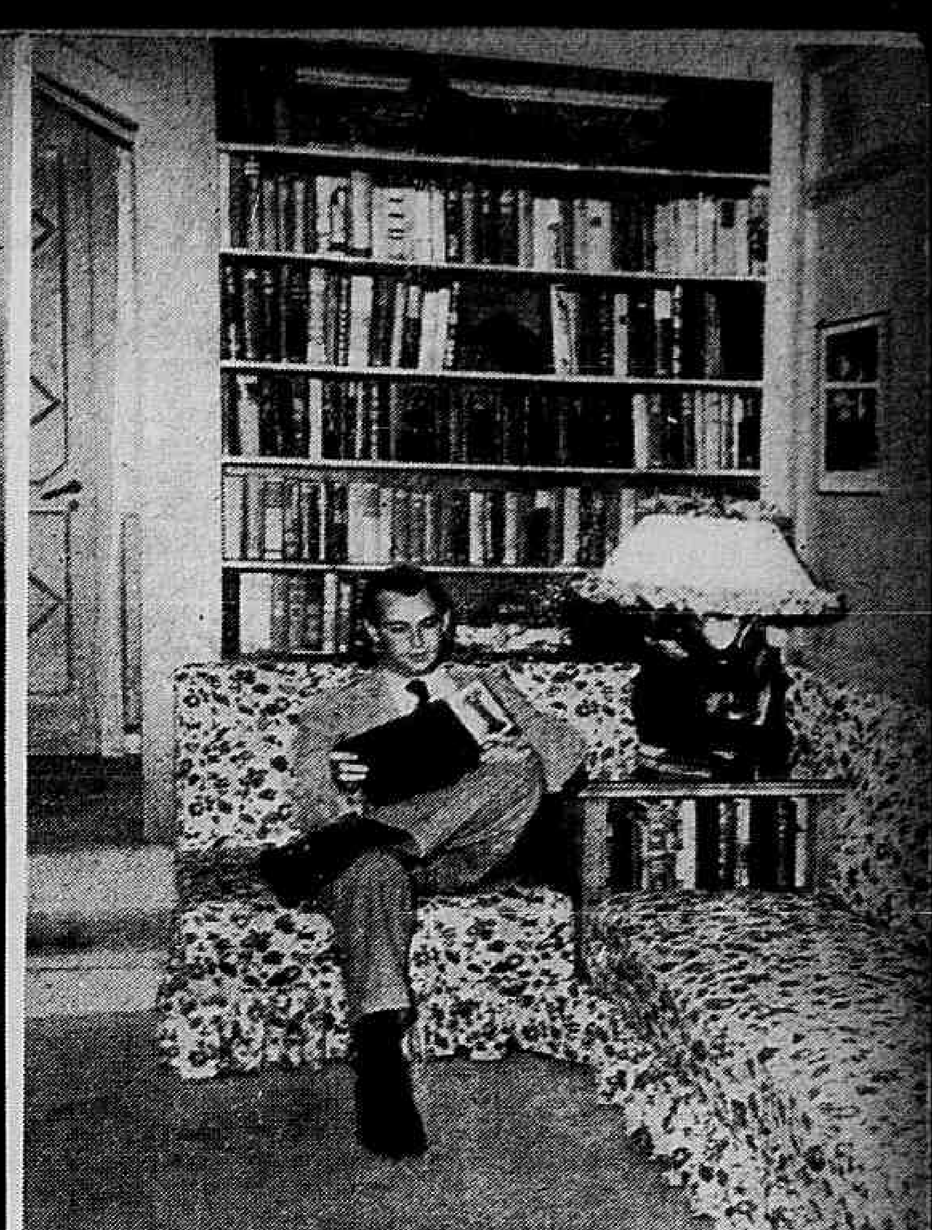
Esta é sua residência



Êste é um dos seus filhos



Praticando esporte



Na biblioteca de sua casa

de lutas e sofrimentos. Sue falava com produtores e diretores na qualidade de agente de Alan. Quanto a êle estava sempre pronto para uma conferência, a leitura de um script, um test cinematográfico, etc. Arranjaram alguns papéis para êle, meras pontas. Algum tempo depois de se terem associado Alan foi contratado para um pequeno papel no filme da Paramount "Rulers of the Sea", e foi citado como o melhor ator de papéis pequenos daquele mês.

Continuou a fazer pontas e a trabalhar no rádio. Fazendo um filme comercial para uma companhia de seguros de vida, interpretou o papel de um homem dos 18 até os 80 anos.

Depois obteve o papel principal num filme chamado "Goose Step". Experimentaram-no, então para contracenar com Betty Davis e ela o escolheu pessoalmente entre todos os outros candidatos, para uma representação no palco. Tornou a chamá-lo para uma segunda representação do mesmo programa. Aparecendo em duas cenas do filme "Captain Cautious" êle impressionou tanto o diretor Richard Wallace que êsse, desde então se tornou um propagandista do rapaz. William Neikljohn, supervisor de talento e distribuição de papéis da Paramount, começou a pensar que Ladd poderia se tornar um astro se lhe fôsse dado um papel adequado. E assim era com Alan: muitos encorajamentos mas poucos papéis de importância.

Sùbitamente, obteve um papel de relêvo, um verdadeiro prêmio para êle, em "Joan of Paris" da RKO. Nessa mesma semana a Paramount o chamou para que êle fizesse um test do papel de Raven em "Alma Torturada". O diretor Frank Tuttle gastou dois dias nesse test, mas quando os chefões o viram, todos os outros fôram cancelados. Alan Ladd era o homem para o papel. Obteve-o, assim como um contrato.

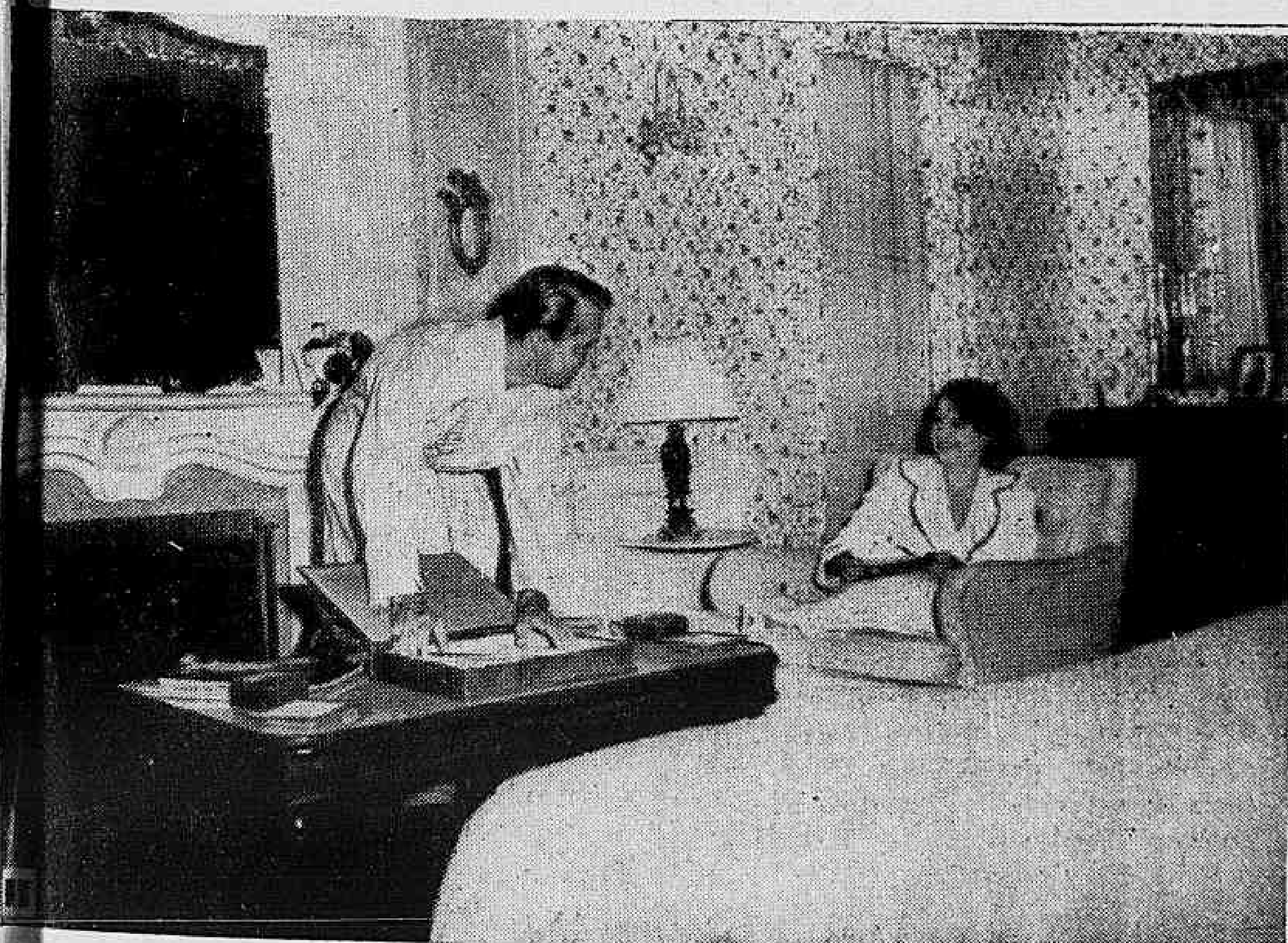
O papel de Raven era um dêsses com os quais os atores sonham, violento, brutal de tal modo que as platéias tinham que notar aquêle que o interpretava.

Antes de "Alma Torturada" completar duas semanas de exibição em todo o país, Alan Ladd já era um astro. Cartas de fãs começaram a lhe chegar às dúzias. Logo depois êle fêz um filme com Brian Donlevy e Veronica Lake, "Capitulou Sorrindo" (The Glass Key) e mais tarde "Coração de Pedra" (Luckey Jordan), no qual era o único astro.

No dia 15 de março de 1942, Alan e Sue casaram-se, logo depois de terminada a filmagem de "Alma Torturada".

A carreira de Ladd foi momentaneamente interrompida por um treinamento num campo de aviação do Exército, mas o simpático jovem foi devolvido aos filmes em 1943. Alan e Sue são pais de uma garôta nascida no dia do aniversário do pai, 21 de abril de 1943, e de um filho, David, nascido no dia 5 de fevereiro de 1947. Há ainda outras duas crianças, Carol Lee, filha de Sue, e Laddie Junior, nascidos de casamentos anteriores de ambos.

Alan Ladd percorreu um longo e difícil caminho para chegar ao que é hoje, e ninguém poderá negar que êle conquistou à fôrça de trabalho e persistência o seu grande sucesso e popularidade. E ninguém mais do que êle é bemquisto em Hollywood.



Revendo papéis velhos



Casado desde 1942

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA "PRIMEIRA ARTE"

De PIERRE DESCAVES

O nome de René Clair está intimamente ligado à História, senão à glória, do Cinema francês — e internacional. O seu recente livro, "Reflexão feita" (Gallimard), cujo subtítulo, "Notas para servir à história da arte cinematográfica, de 1920 a 1950", é modesto demais para um livro que vai longe, foi um êxito. Certos acontecimentos recentes aumentam-lhe, de resto, a atual idade. As notas de René Clair constituem uma soma de reflexões que denunciam um dos espiritos mais lúcidos do nosso tempo. René Clair comenta no seu livro os textos que escreveu sôbre o cinema, desde o mudo até à época da televisão. Entre uns e outros o diálogo é animado por alguém que conhece profundamente os problemas do cinema e tem boa memória. Não se trata de um livro de critica ou de teoria. E' um testemunho, uma relação de viagem à volta de trinta anos de história cinematográfica. — "O que me aconteceu, diz o autor, foi tomar parte na grande aventura de assistir à criação duma linguagem, duma arte, duma indústria, de qualquer coisa que nenhuma destas expressões consegue definir completamente e cuja natureza complexa se presta ao equivoco". E René Clair acrescenta esta definição do sentido da sua obra. "Êste equivoco, tentei dissipar o melhor possivel". A critica francesa, tanto literária como cinematográfica, viu perfeitamente a importância desta obra, que trata de muitos problemas que pôs a arte e a indústria cinematográfica. A lição do livro não interessa apenas ao cinema; interessa à moral e cada um pode apreciar o espetáculo raro dum espirito nobre, sem pretensão, atento e leve, dum espirito indulgente para a critica, que êle sabe não é fácil: "O cinema é de tal natureza, que os meios de julgar, que empregamos habitualmente com as outras artes, não lhe convém. E' por esta razão que a critica do filme é dificil e, por isso mesmo, necessária... Por imperfeita que seja, se de tempos a tempos consegue evidenciar os méritos duma obra que talvez passasse desapercebida, a sua função está plenamente justificada". Pensando bem, escrevendo, René Clair confia-nos sobretudo as suas ambições; confessa as suas grandes decepções, o belo sonho cinematográfico da sua juventude, no que deu! Retoma páginas antigas, retifica o René Clair iluminado de 1923, mostra-nos uma distância que talvez nos pareça ainda maior do que a êle. Sente em si "constantes" de fidelidade, palpitantes restos de esperança. Como notou Robert Kemp, nestes cantos alternados sente-se a história dum amor traido. Sôbre certa falência do cinema diz: "E' possivel esperar ainda uma ressurreição da arte muda, a continuação do que ficou parado, esterilizado? Teremos de pensar que as "fôrças perversas" (mau-gôsto, adulação pública, traições daqueles que vivem do cinema, onipotência do dinheiro e tirania de Hollywood) estejam prestes a desaparecer? Será preciso admitir então que o cinema consentiria em voltar ao seu pôsto, fora de desmedidas ambições; poderia assim ocupar o seu lugar entre os fatôres da civilização... Será possivel que seja mais ingrato que a poesia, e mesmo o teatro, com os seus servidores?". De fato, o labor do cineasta desaparece depressa, e é um dos males do cinema. As obras-primas de que fala René Clair, quem as conhece? Onde encontrá-las, pergunta a critica, como se tratasse de descobrir um Petrônio ou um Vauvenargues? Um livro é barato, mas quem é que se pode permitir um filme como *Le Lys brisé?* René Clair, que julga Charlot genial (e é talvez verdade), sabe que em 1951 quase se conhece Charlot de nome, e sob êste nome, imagina-se um "clown" melancólico, esquecendo o psicólogo, o autor, o poeta de infinita piedade... Nunca foi tão abundante e de tão boa qualidade a literatura cinematográfica. O cinema suscita mais comentário do que o teatro, por exemplo. Uma obra como a de René Clair incita a refletir. E se neste livro êle procura conciliar o cinema e a literatura — e não a literatura e o cinema — razão maior para não perdermos a confiança na "primeira arte", a que, como deixa subentender o autor, melhor traduz a grandeza e a miséria do nosso tempo.

DIVERSAS

Os bandoleiros Frank e Jesse James, que já foram interpretados respectivamente, por Henry Fonda e Tyrone Power, estão novamente em ação em "A VINGANÇA DE JESSE JAMES" (The great Missouri Raid), technicolor de Gordon Douglas para a Paramount. Desta vez, Wendell Corey e MacDonald Carey personificam os célebres irmãos, enquanto que Ward Bond, Bruce Bennett, Anne Revere e Bill Williams fazem os outros papéis. Ellen Drew é a pequena.

★

A sedutora Corine Calvet faz a sua estréia em technicolor em "FLOR DE SANGUE" (Quebec), da Paramount, dirigida por George Templeton. A interessante "estrêla" francesa tem o papel de uma mulher conhecida por "La fleur sanglante" (Flor de sangue) que incita os revoltosos canadenses a se rebelarem contra os invasires inglêses. No elenco: John Barrymore, Jr. (filho do famoso "Perfil"), as novatas Barbara Rush e Nikki Duval e Patric Knowles.

★

Hollywood, prepara-se para filmar a biografia do Mahatina Gandhi, segundo um "script" de Geza Herczeg, que embarcou recentemente para a Índia a fim de colher os elementos necessários. Geza recebeu em 1937 o prêmio da Academia, pela sua esplêndida colaboração na pelicula biográfica que focalizava Emile Zola. O escritor que conta já 60 anos, estêve no Estados Unidos mais ou menos icógnito, a fim de evitar um provável encontro com a ex-atriz Leopoldina Constantin de quem se encontra divorciado. Teme êle, que sua ex-espôsa, umas das mais lindas "estrêlas" do cinema alemão e austriaco do seu tempo, lhe interponha uma ação judicial, a fim de receber alguns milhares de dólares, a que se julga com direito.

★

VER, GOSTAR E AMAR deverá ser o título, para o Brasil, de THE BELLE OF NEW-YORK, em technicolor, com Fred Astaire, Vera-Ellen, Marjorie Main e Keenan Wynn. IVANHOE está sendo rodado em technicolor na Inglaterra pela Metro, sendo de Robert Taylor, Joan Fontaine, Elizabeth Taylor e George Sanders os principais papéis. JUST THIS ONCE, com Janet Leigh, Peter Lawford e Lewis Stone; THE SELLOUT, com Walter Pidgeon, John Hodiak, Audrey Totter, e TALK ABOUT A STRANGER, com George Murphy e Nancy Davis, estão sendo ultimados nos estúdios de Culver City.

★

GREER GARSON e Walter Pidgeon aparecerão juntos mais uma vez! Agora, em MY MOTHER AND MR MC CHESNEY, cuja filmagem a Metro iniciará proximamente. O filme promete ser marcante na carreira de ambos; a história é interessantissima e promete proporcionar a Garson e Pidgeon "performances" invulgares.

★

Margaret O'Brien regressa aos estúdios de Culver City a fim de desempenhar o papel principal de THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN (Technicolor), devendo aparecer ao lado de Danny Kaye, Gene Kelly, Louis Calhern e Dean Stockwell.

★

25 de novembro foi a data escolhida para a estréia mundial de QUO VADIS, a gigantesca realização da Metro-Goldwyn-Mayer, levada a efeito inteiramente em Roma, como se sabe, para onde se transportaram todos os artístas e técnicos. A estréia será feita em dois grandes cinemas da Broadway: o Astor e o Capitol.

Pier Angeli foi designada para o papel feminino central de AUTOBAHN, dramática história a ser filmada na Alemanha, a ser dirigida por Andrew Marton e produzida por Richard Goldstone. Um filme Metro-Goldwyn-Mayer.

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos os seguintes votos de Boas Festas:

Coca-Cola Refrescos, Serviço de Informações Jornalisticas, Fábrica de Discos Sinter-Capitol, Geraldo Edson de Andrade (Natal), Alex (Rio), Pan American World Airways (Rio), Publicidade Silva Araujo Ltda. (Rio), Juventus Filmes S.A. (Rio), Universal Filmes S.A. (Rio), França Filmes do Brasil S.A. (Rio), Marly Sorel (Rio), Cia. de Cigarros Souza Cruz (Rio), Maria Antonieta Pons (México), Irapoan Gomes dos Santos e Senhora (Rio), PR-Magazine (Rio), Metro-Goldwyn-Mayer (Rio), R.K.O. Rádio Filmes S.A. (Rio), Rádio Clube do Brasil S.A., (Rio), Maria Helena e Lêda (Rio), Mário Civelli (São Paulo), Revista do Rádio (Rio), Jimmy Lester e Carmélia Alves (Rio), Jardel Filho (Rio), Palmex Peliculas Mexicanas do Brasil S.A. (Rio), Vera Nunes (São Paulo).

VOCÊ É... "ALGUÉM"?

OS HOMENS DESMÁIAM MAIS!

DEFENDA-SE DA INFLAÇÃO

A MORTE RONDA A "CASA BRANCA"

BISTURÍ EM VEZ DE PRESÍDIO!

VOCÊ TEME O DIVÓRCIO?

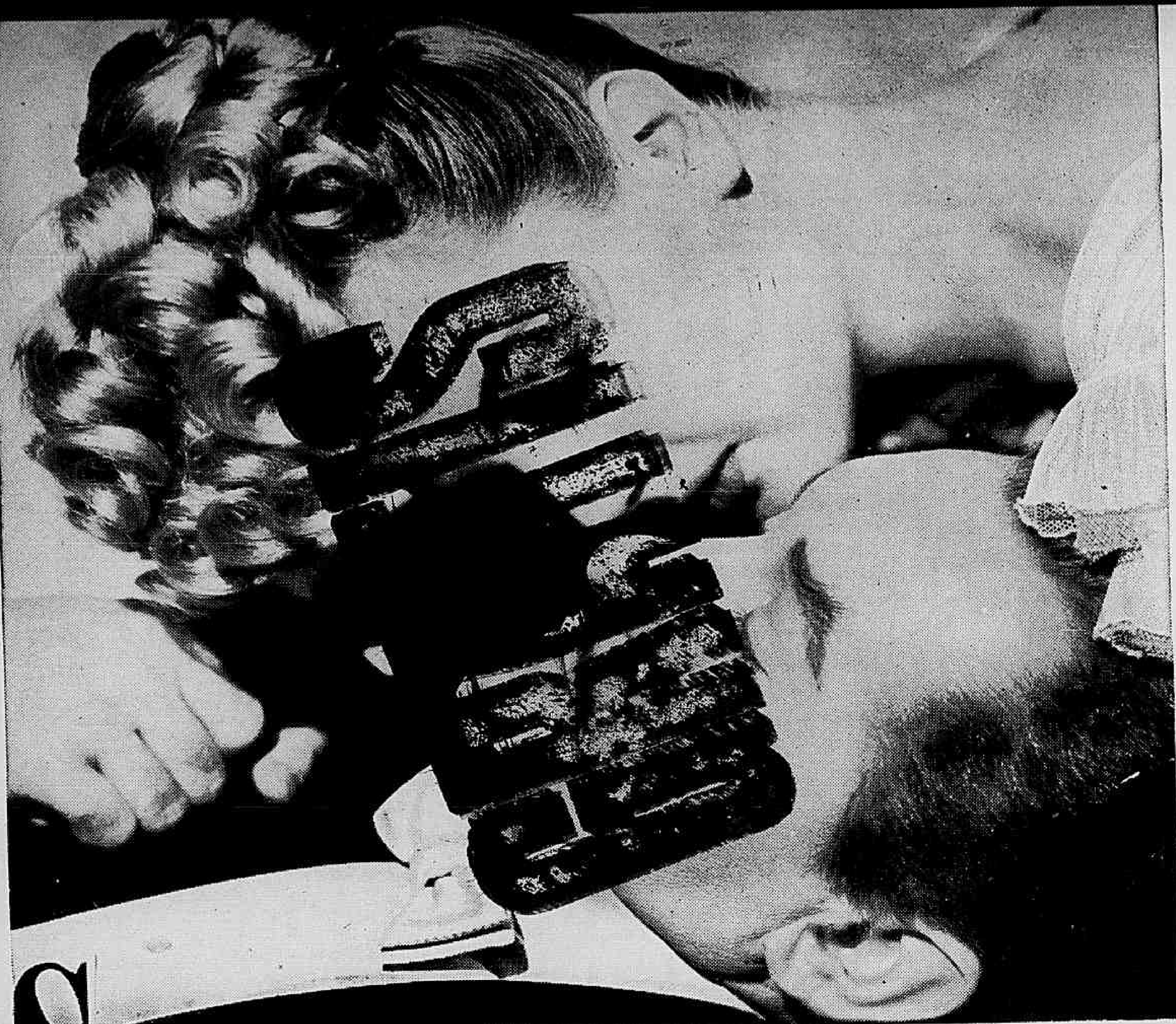
AINDA NASCEM CICLOPES!

NÃO HÁ CORTINA DE AÇO PARA O AMOR...

EM

EU SEI TUDO

DE JANEIRO DE 1952



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE **Cr$ 25,00**

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO